Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

DEUS, CRISTO E CARIDADE

Ano 131 • Nº 2.217 • Dezembro 2013

O JUGO LEVE

*Somente o **amor** e a **caridade**, **características** essenciais de **Jesus**, têm o poder de **transformar** a conduta **humana***

ISSN 1413 - 1749

R$ 7,00

Veja nesta Edição:

Inteligência suprema

História da construção da FEB em Brasília

A mensagem da manjedoura

Suplemento Esde – 30 anos

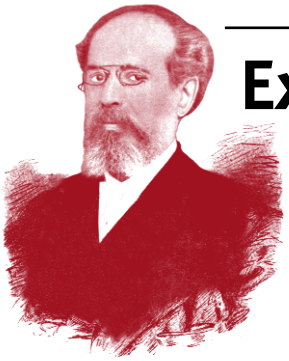
A visão da Espiritualidade sobre o SEXO

Com base nos sábios e benevolentes mensageiros que orientaram Allan Kardec na codificação da Doutrina Espírita, Emmanuel conduz o leitor à reformulação do pensamento e consequente mudança de postura diante da vasta temática ligada ao sexo, discorrendo, entre outros assuntos, sobre casamento, amor livre, adultério, aborto, homoafetividade.

Livro espírita para um novo mundo

FEB editora

www.facebook.com/febeditora | www.twitter.com/febeditora | www.youtube.com/febeditora | www.feblivraria.com.br



Expediente

Fundada em 21 de janeiro de 1883
Fundador: Augusto Elias da Silva

Reformador

Revista de Espiritismo Cristão
Ano 131 / Dezembro, 2013 / Nº 2.217

ISSN 1413-1749
Propriedade e orientação da
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
Diretor: Antonio Cesar Perri de Carvalho
Editor: Affonso Borges Gallego Soares
Redatores: Altivo Ferreira, Evandro Noleto Bezerra, Geraldo Campetti Sobrinho, Hélio Blume, José Carlos da Silva Silveira e Marta Antunes de Oliveira de Moura

Secretário: Carlos Roberto Campetti
Gerente: Sady Guilherme Schmidt
Equipe de Diagramação: Agadyr Torres Pereira e Saraí Ayres Torres
Equipe de Revisão: Wagna Carvalho e Isaura da Silva Kaufman
Projeto gráfico da revista: Julio Moreira
Capa: Saraí Ayres Torres

REFORMADOR: Registro de publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça)

CNPJ 33.644.857/0002-84 • I. E. 81.600.503

Direção e Redação:
SGAN 603 – Conjunto F – L2 Norte
70830-030 • Brasília (DF)
Tel.: (61) 2101-6150
FAX: (61) 3322-0523
Home page: http://www.febnet.org.br
E-mail: feb@febnet.org.br

Departamento Editorial:
Rua Sousa Valente, 17 • 20941-040
Rio de Janeiro (RJ) • Brasil
Tel.: (21) 2187-8282 • FAX: (21) 2187-8298
E-mails: redacao.reformador@febnet.org.br

PARA O BRASIL
Assinatura anual **R$ 52,00**
Assinatura digital anual **R$ 24,00**
Número avulso **R$ 7,00**

PARA O EXTERIOR
Assinatura anual **US$ 50,00**

Assinatura de Reformador:
Tel.: (21) 2187-8264 • 2187-8274
www.feblivraria.com.br
assinaturas.reformador@febnet.org.br

Sumário

4 Editorial
Natal e Ano Novo

10 Entrevista: Edison Mega
Recordações sobre décadas de atuação espírita

21 Esflorando o Evangelho
Segue-me tu – *Emmanuel*

22 Falando de Livro
Produção editorial da FEB – Lançamentos e reedições de 2012-2013 – *Geraldo Campetti Sobrinho*

25 Em dia com o Espiritismo (Capa)
Onde está Jesus? – *Marta Antunes Moura*

30 Evangelização Espírita Infantojuvenil
A mensagem da manjedoura – *Departamento de Infância e Juventude/FEB*

40 Conselho Espírita Internacional
Reunião da Coordenadoria do CEI para a Europa

42 Seara Espírita

5 Inteligência suprema – *Christiano Torchi*
8 A bênção da esperança – *Joanna de Ângelis*
11 Ensejo de avaliação – *André*
12 Cartão de Natal – *Meimei*
13 Anencefalia – *Richard Simonetti*
15 Não te canses de amar... – *Lucy Dias Ramos*
18 Jesus no Tabor – *Mário Frigéri*
28 Palavras de Coélet – O fio de prata – *Samuel Nunes Magalhães*
32 Quem é minha mãe? E quem são meus irmãos? – *Ivone Molinaro Ghiggino*
33 À Virgem – *Bittencourt Sampaio*
34 Nossas duas fatalidades – *Fernando A. Moreira*
37 No princípio era o verbo... – *Emídio Brasileiro*
38 *Retificando...*
39 O automatismo – *Mauro de Paiva Fonseca*
41 Reunião das Entidades Espíritas Especializadas

Editorial

Natal e Ano Novo

A época evocativa do Natal de Jesus sempre provoca recordações e atividades que estimulam a confraternização. São momentos em que a sociedade gera uma atmosfera mais leve e fraterna.

O episódio da manjedoura deve realmente representar o ensejo de que o Cristo nasça na intimidade e no ambiente dos lares. Este foi o propósito de Francisco de Assis ao encenar, pioneiramente, o contexto do nascimento de Jesus, nos idos de 1223: criar uma Belém nos lares.

A obra inaugural da Doutrina Espírita – *O livro dos espíritos* –, reanuncia, como um dos seus fundamentos, os ensinos morais do Cristo e, em *O evangelho segundo o espiritismo*, Allan Kardec detalha, com os exemplos e parábolas de Jesus, a essência da sua mensagem, afirmando claramente: "As instruções que promanam dos Espíritos são verdadeiramente *as vozes do Céu* que vêm esclarecer os homens e convidá-los *à prática do Evangelho*".[1]

Tantas e tão importantes rememorações sugestivamente antecedem de poucos dias o ingresso no ano novo. O primeiro dia do ano, em nosso calendário, foi escolhido pela Organização das Nações Unidas, visando promover o dia da Confraternização Universal ou o dia da Paz, devendo ser, portanto, para todos os povos, tempo de recomeçar, criar projetos e expectativas de melhorias.

Anotou Emmanuel:

"Ano Novo é também oportunidade de aprender, trabalhar e servir. O tempo como paternal amigo, como que se reencarna no corpo do calendário, descerrando-nos horizontes mais claros para necessária ascensão."[2]

Que o Natal do Cristo traga maiores contribuições que ensejem o nascimento ou renascimento de sua mensagem educadora e libertadora desde os albores do Ano Novo.

Referências:

[1]KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 3. imp. (Edição Histórica.) *Introdução*, it. I.

[2]XAVIER, Francisco C. *Vida e caminho*. Espíritos diversos. São Bernardo do Campo (SP): Editora Geem.

Inteligência suprema

Christiano Torchi

Como é sabido, *O livro dos espíritos* aborda, em sentido lato, as principais questões filosóficas da humanidade, temas que atormentam os estudiosos de todas as épocas, os quais são tratados com objetividade e precisão nesta obra de sabedoria universal.

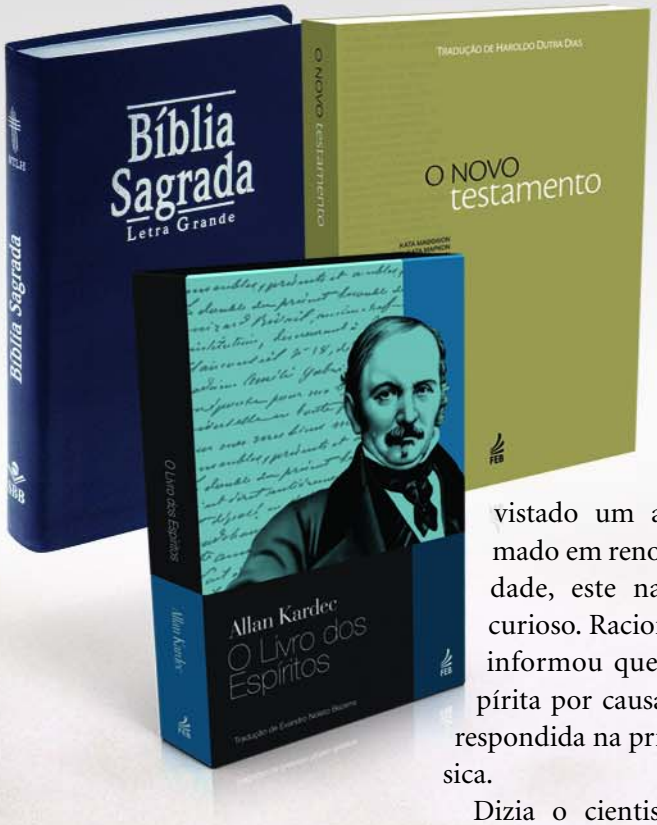
Assim como o *Novo Testamento* (segunda revelação), que não pertencia de fato à *Bíblia*, foi reunido, mais tarde, aos livros do *Velho Testamento* (primeira revelação), *O livro dos espíritos* (terceira revelação), que é a continuação dos dois primeiros, reúne todos os requisitos para um dia também ser anexado à *Bíblia*, que significa "reunião de livros". Ele encerra um ciclo básico de revelações que veio no momento certo, completando importante silogismo do enigma da evolução humana, que enfeixa a grande síntese do conhecimento.

> A antiga religião hebraica é geralmente conhecida como Mosaísmo, porque surgiu e se desenvolveu com Moisés. A nova religião dos Evangelhos é designada como Cristianismo, porque vem do ensino do Cristo. Mas, assim como nas páginas da Bíblia está anunciado o advento do Cristo, também nas páginas do Evangelho está anunciado o advento do Espírito de Verdade. Este advento se deu no século passado (século XIX), com a terceira e última revelação cristã, chamada revelação espírita. Cinco novos livros aparecem, então, escritos por Kardec, mas ditados, inspirados e orientados pelo Espírito de Verdade e outros Espíritos superiores. Os cinco livros fundamentais do Espiritismo, que têm como base *O livro dos espíritos*, representam a Codificação da terceira revelação. Essa revelação se chama Espiritismo porque foi dada pelos Espíritos. **Sua finalidade é esclarecer os ensinos anteriores, de acordo com a mentalidade moderna, já suficientemente arejada e evoluída para entender as alegorias e símbolos contidos na Bíblia e no Evangelho.** Mas enganam-se os que pensam que a codificação do Espiritismo contraria ou reforma o Evangelho. (Destaque nosso).[1]

Kardec formulou as principais perguntas que deveriam ser feitas naquele momento histórico, as quais foram respondidas de forma límpida pelos Espíritos superiores, inaugurando uma nova era de luz na Terra. Não nos iludamos, porém, visto que, apesar de sua aparente simplicidade, compreender essa obra, em sua essência, requer grande disposição para o estudo e para a reflexão, que desafia nossa inteligência com vistas à interpretação do mundo que nos cerca. O estudo sério e perseverante da obra, como adverte seu Codificador, é útil a todos quantos desejam sinceramente a busca da verdade, independentemente da crença que abraçaram.

Inicia, como não poderia deixar de ser, com o tema mais importante

[1] PIRES, J. Herculano. *Visão espírita da bíblia*. 3. ed. São Paulo: Edições Correio Fraterno, 1991. p. 9 e 10.



da existência humana – o Criador –, dedicando a Ele um capítulo inteiro. Respondendo à pergunta nº 1 (*Que é Deus?*), os instrutores celestes afirmaram que "Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas". Essa é a locução mais concisa, racional e objetiva que já se ouviu sobre Deus, o Indefinível.

Certa vez, num programa de televisão espírita, em que era entrevistado um astrofísico, formado em renomada universidade, este narrou um fato curioso. Racional ao extremo, informou que se tornara espírita por causa dessa questão respondida na primeira obra básica.

Dizia o cientista que o fato ocorreu num evento fortuito, em uma de suas viagens internacionais, ocasião em que encontrou um exemplar de *O livro dos espíritos* esquecido ou deixado de propósito em uma das poltronas de um avião por algum passageiro. Curioso, mas com grande dose de ceticismo e, por que não dizer, de preconceito, o viajante abriu o livro ao acaso, caindo justamente na questão número um.

Intrigado com a incrível e sucinta resposta, ele se animou a ler a pergunta seguinte, e mais outra, e mais outra, até perceber que não podia mais parar, porque ali, naquele livro, estavam as respostas que ele tanto procurara em toda a sua vida.

Fato semelhante ocorreu com o então deputado Bezerra de Menezes (1831-1900), de família católica, aclamado mais tarde como o "Médico dos Pobres", assim que se acomodou em um bonde e se pôs a ler um exemplar de *O livro dos espíritos*, quando retornava à sua casa, no Rio de Janeiro, obra que lhe fora presenteada pelo Dr. Travassos, espírita integrante do Grupo Confúcio. Francisco Acquarone narra, em cores vivas, como se deu o episódio:

> Bezerra morava na Tijuca. Logo que se instalou no banco, sem distração alguma que lhe amenizasse o longo trajeto até à casa, abriu displicentemente o volume e correu os olhos por algumas páginas.
> Interessando-se desde logo, monologou: "Ora adeus! Não irei com certeza para o inferno, só por ler isto!..." E atirou-se vivamente à leitura.
> À medida que avançava pelo texto afora, uma perplexidade intensa o invadia.
> Ouçamo-lo com as suas próprias palavras: – "Lia. Mas não encontrava nada que fosse novo para o meu espírito. Entretanto tudo aquilo era novo para mim!... Eu já tinha lido ou ouvido tudo o que se achava no 'Livro dos Espíritos...'" [...][2]

Tal fato, como vimos, impressionou vivamente Bezerra de Menezes.

Mais tarde, porém, conseguiu compreender a causa desse fenômeno. "É que ele era um espírita inconsciente, já naquele tempo..."[2]

Desde os tempos remotos, a criatura humana guarda a intuição da existência de um ser superior, ao qual dá diferentes nomes: Deus, Alá, Jeová, Krishna, Brahma, entre outros. Os povos primitivos veneravam a divindade nos fenômenos da natureza, fatos que estavam fora do seu controle e do alcance de sua inteligência.

Com o passar do tempo e o desenvolvimento científico, o homem passou a compreender melhor o mundo à sua volta, mas a sua ideia sobre Deus continuou obscura e ininteligível, tanto que se perdeu em complicados labirintos teológicos, afastando-se cada vez mais das leis naturais que regem o universo e o seu destino.

Com o advento do Espiritismo, o Consolador prometido por Jesus, luz nova brilhou aos olhos humanos. No momento oportuno, os Espíritos superiores lograram desvendar um pouco mais desse insondável mistério que atormenta o cérebro dos mais renomados filósofos.

Enquanto algumas religiões mostram Deus como um ser antropomórfico, isto é, dotado das mesmas características psicológicas e físicas que o homem, à feição de um velho barbudo, de rosto sisudo e olhar acusador sobre as pessoas, o Espiritismo apresenta Deus como a Inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas, a personificação da bondade, da justiça e do amor, que trata a todos como um pai amoroso e enérgico educa seus filhos.

Portanto, a análise do comportamento humano evidencia que a ideia sobre Deus sempre foi compatível com o grau de adiantamento intelectual e moral dos povos, manifestando-se de acordo com o progresso e a cultura das pessoas. A Doutrina dos Espíritos, codificada por Allan Kardec, muito tem contribuído para a compreensão da divindade.

De fato, Deus é o mais intrigante de todos os enigmas que desafiam nossas mentes ainda embrionárias. Léon Denis, célebre escritor espírita, ponderou a respeito:

> A questão de Deus é o mais grave de todos os problemas suspensos sobre nossas cabeças e cuja solução se liga, de maneira estrita, imperiosa, ao problema do ser humano e de seu destino, ao problema da vida individual e da vida social.[3]

Ser divino, escapa a toda denominação e a qualquer medida, e, se lhe chamamos Deus, é por falta de um nome maior, assim o disse Victor Hugo.

Em virtude das dificuldades naturais, que cercam o entendimento da questão, algumas pessoas lamentam a impossibilidade de amar e conhecer a Deus, esquecendo-se de que o melhor caminho para se aproximar dele é começar amando o semelhante,[4] jamais olvidando a orientação de Jesus de que o Reino de Deus está dentro de nós.[5] ■

---

[2] ACQUARONE, F. *Bezerra de Menezes, o médico dos pobres*. 17. ed. São Paulo: Editora Aliança: 1996. p. 43 e 44, respectivamente.

[3] DENIS, Léon. *O grande enigma*. 2. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011. pt. 1, cap. 5, *Necessidade da ideia de Deus*.

[4] MATEUS, 22:39.

[5] LUCAS, 17:21.

A bênção da esperança

Nietzsche, o amargurado filósofo alemão, ateu e pessimista, assinalou que o perdão egrégio é fraqueza moral, portanto, falta de caráter.

Generalizado o conceito sob expressões diferentes, o mesmo representa a mesquinhez dos sentimentos que aguardam vingança, que trabalham pela devolução do mal que, por acaso, lhe haja sucedido.

Esse comportamento, o do desforço, é muito mais um ato infeliz e vergonhoso, enquanto o perdão expressa a coragem e a grandeza espiritual de todo aquele que o oferta.

Assevera-se, em concordância com a tese de que a justiça não pode ser desprezada, que, mediante o perdão, permanece o crime. Quando, porém, o perdão é verdadeiro, não há qualquer impedimento para que a justiça prossiga no seu rumo. O que ocorre é o fato de ela não ser feita pela vítima, armada de ira e de agitação, com sede de vingança.

Desde quando os latinos criaram a palavra *justitia*, apresentaram-na como uma dama que carrega uma balança e uma espada, respectivamente em cada mão, tendo os olhos vedados, significando a sua imparcialidade.

Na visão cristã, a simbologia da espada cede lugar à presença da misericórdia da educação do réu, do ensejo que lhe deve ser oferecido para a reabilitação. A ninguém cabe tomá-la num esforço vingativo pelo sofrimento que lhe foi imposto, deixando às leis soberanas, às vezes representadas pelas humanas, o mister de realizarem os procedimentos compatíveis com o nível de elevação moral e intelectual da sociedade.

No Saltério inserto no *Velho Testamento*, encontramos os denominados salmos imprecatórios, em que os profetas clamavam por vingança, praguejavam e ameaçavam, dirigindo-se ao Deus dos exércitos.

Jesus, porém, veio substituir esse vingador pelo Deus todo amor, rico de compaixão e de ternura, que deseja o desaparecimento do crime sem a extinção daquele que se lhe fez instrumento.

É nesse capítulo que se inserem o perdão e a esperança de felicidade.

A todos está destinada a plenitude, por mais danos as criaturas se façam, umas às outras, durante a trajetória carnal. Sempre encontrará à frente a oportunidade reparadora de renovação íntima e de crescimento espiritual.

Quando ocorre o perdão, nem sempre sucede a reconciliação, que independe daquele que se oferece para não devolver o mal de que foi vítima.

A reconciliação será resultado do tempo, da anuência do outro, do verdugo acostumado à retaliação.

A esperança de que a vida sempre se encarrega de regularizar todos os incidentes e desares deve constituir motivo de encorajamento para se prosseguir na ação do bem.

•

Não te produzam receio as nuvens carregadas de tempestades que danificam, mas passam.

Tens compromisso com o amor.

Desarma-te dos melindres doentios e egoicos, que sempre te colocam em posição de vítima, supondo que tudo de negativo é dirigido a ti.

Rompe essa fragilidade moral em que te apoias e que utilizas para fugir na direção da tristeza, sempre que te suponhas não atendido, numa atitude psicológica infantil.

O teu próximo não te pode estimar, cuidar dos teus conflitos, que tens o dever de superar porque te pertencem.

O outro, aquele de quem exiges consideração e cuidados para contigo, também tem problemas e dificuldades que não te revela.

Fita o mar proceloso da existência e, quando te sentires fragilizado, robustece-te na oração, ancorado na confiança da vitória.

A desconfiança é nuvem que oculta a face da vitória.

Renasceste para o triunfo sobre ti mesmo e este é um trabalho que somente por ti poderá ser realizado.

Não transfiras para os outros os teus demônios psicológicos, à espera sempre de mimos e aparências.

Cristão sem testemunhos é linda planta trabalhada em substância plástica, bela, mas sem vida.

A esperança é bênção do céu para toda a existência.

Quando tudo esteja escasso, em aparente infortúnio, a esperança é o anjo vigoroso e companheiro vigilante ao teu lado, emulando-te ao prosseguimento.

Mesmo que advenham situações penosas e muito aflitivas, considera que a vida física não é uma viagem idílica ao país do prazer, mas, sim, uma experiência iluminativa, que trabalha pela libertação do ser.

Quando a bênção da esperança brilha em teu íntimo, a vida exulta em plenitude

Educando os instintos agressivos, desenvolve as emoções dignificadoras, de forma que sempre se sobreponha o sentimento de amor.

Em qualquer circunstância, especialmente naquelas que te parecem infelicitadoras, interroga-te como gostarias de ser tratado ou reconhecido pelo teu próximo e faze conforme concluas.

A justiça não dilui a esperança, dá-lhe vigor, da mesma forma que o perdão.

O teu destino é construído pelo teu pensamento.

Abandona o vício mental negativo, sórdido, vulgar e enriquece-te de beleza e esperança.

•

Jesus, no último instante da cruz, quando nada mais podia ser feito, suplicou:

– Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. (*Lucas*, 23:46.)

A sublime esperança das bênçãos transcendentais a que Ele fazia jus ficou na condição de última mensagem.

Entrega-te a Deus, Ele fará o que não esteja ao teu alcance, e mantém sempre a esperança como a segura companheira da tua existência.

Joanna de Ângelis

(Página psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, na sessão mediúnica da noite de 1º de setembro de 2013, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)

Recordações sobre décadas de atuação espírita

Edison Mega, de Juiz de Fora (MG), com 99 anos, relata suas lembranças sobre décadas de afazeres espíritas

Reformador: *Como você se interessou pelo Espiritismo?*

Edison: Meu irmão Dorival já trabalhava no Banco do Brasil e era muito amigo do Sr. Valter Lucas Santana, de família espírita, mais velho do que ele. O Sr. Valter Lucas participava do Centro Espírita União Humildade e Caridade e o meu irmão Dorival, que tinha uma mediunidade fantástica, frequentava o Centro. Quando ele chegava de lá me contava tudo o que acontecia. Eu não o acompanhava porque era muito mais novo, mas ficava tão curioso que esperava o Dorival no portão de casa. Às vezes ele demorava um pouco, eu ia atrás dele, nem esperava ele chegar no portão. Foi assim que começou meu interesse pelo Espiritismo.

Reformador: *Chegou a fundar instituições espíritas?*

Edison: Quanto aos centros, eu ajudei a fundar o Centro Espírita Ivon Costa, juntamente com outros

companheiros, como o José Caldas[1] e o Osório Pacheco. Éramos um grupo de amigos e tivemos necessidade de fundar o nosso Centro. Antes, frequentávamos outros como o União, Humildade e Caridade, que existe desde o primeiro ano do século XX. Muito depois, também participei da fundação e da instalação da Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora, que congregou todos os centros da cidade.

Reformador: *Quais foram suas ações prioritárias no Movimento Espírita?*

Edison: Prioridade só pode existir quando já se conhece a Doutrina e se interessa por certos princípios.

[1] N.R.: Trata-se do pai de Suely Caldas Schubert.

A prioridade foi conhecer a Doutrina Espírita. Quanto ao trabalho, priorizei a criança. Dediquei-me à evangelização da infância.

Reformador: *Manteve contato com a médium Yvonne do Amaral Pereira?*
Edison: A Yvonne Pereira morou em Juiz de Fora nos anos 1950. Ela ministrava aulas para crianças na Fundação João de Freitas, quando o Ali Halfeld era o presidente. A Yvonne também lidou na Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora. Depois, ela mudou-se para o Rio de Janeiro.

Reformador: *E com o médium Chico Xavier?*
Edison: Chico Xavier vinha muito a Juiz de Fora, pelo menos uma vez ao ano. Ele era datilógrafo da Fazenda Modelo, do Governo Federal, em Pedro Leopoldo, própria para gado. Ele estava com idade entre 20 e 25 anos. Datilografava com grande rapidez. O Chico, como funcionário público, acompanhava o chefe nas viagens e por isto veio muitas vezes a Juiz de Fora. Uma noite, depois da reunião no Centro Espírita Ivon Costa, um dos presentes falou: "Vamos tomar um chá na casa do Edison". Minha casa era ali perto, fomos caminhando juntos e, ao chegarmos, contávamos uns 15 companheiros. Só tínhamos em casa um bolinho e uma chaleira. Todos, encantados com o Chico, comeram bolo e tomaram chá.

Reformador: *Qual foi sua relação com a União Espírita Mineira?*
Edison: A União Espírita Mineira começou a visitar os centros espíritas das cidades de Minas Gerais, que contavam de 20 a 30 centros, por volta de 1935. Quando o pessoal da União Espírita Mineira veio a Juiz de Fora, Chico Xavier os acompanhava. Eu passei a me relacionar muito com todos eles.

Reformador: *Em suas décadas de atuação espírita, quais principais mudanças sentiu no Movimento Espírita?*
Edison: Nós trabalhamos num grupo preocupados em estudar como se chegar ao coração e ao entendimento. Reuníamo-nos na Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora. Cada um expunha dúvidas e esclarecimentos no convívio com as crianças. Dediquei-me aos estudos para adolescentes, por isso fiquei no Departamento de Evangelização da Criança da Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora. Ali, então, fomos fazendo rodas de estudos, em que cada um se dedicava a uma determinada faixa etária. ■

Ensejo de avaliação

Quem de nós, caros amigos, poderia aquilatar com segurança a riqueza e o valor dos acontecimentos que se verificam no curto espaço de um minuto, no corpo e na alma de cada ser vivente, nas profundezas da Terra e no infinito dos céus?

Limitados em nossas percepções pela relatividade universal em que nos inserimos, escapa-nos de todo a multidão de fenômenos que ocorrem nos universos numa fração de segundo. E, todavia, é no bojo abençoado e fecundo do tempo que existimos e realizamos a nossa evolução.

Lógico, portanto, que nos detenhamos respeitosos em cada marco temporal do nosso caminho, para endereçar ao sólio do Altíssimo um pensamento de amor e gratidão, pelas bênçãos do tempo que a bondade divina nos concede.

O início de um novo ano, em nosso calendário, representa a abertura de nova etapa de nossas experiências. Guarda, por isso, significação especial, pelo ensejo de avaliação do nosso aproveitamento, em face das oportunidades que o tesouro celeste nos outorga.

Que, pois, em cada novo ano que começa, busquemos realizar em nós mesmos, tanto quanto possível, o reino de amor e de verdade que o Mestre nos anunciou.

André

Fonte: SANT'ANNA, Hernani T. *Amar e servir*. Por Espíritos diversos. 3. ed. 2. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011. cap. 71.

Cartão de Natal

Ao clarão do Natal, que em ti acorda a música da esperança, escuta a voz de alguém que te busca o ninho da própria alma!... Alguém que te acende a estrela da generosidade nos olhos e te adoça o sentimento, qual se trouxesses uma harpa de ternura escondida no peito.

Sim, é Jesus, o amigo fiel, que volta.

Ainda que não quisesses, lembrar-lhe-ias hoje os dons inefáveis, ao recordares as canções maternas que te embalaram o berço, o carinho de teu pai ao recolher-te nos braços enternecidos, a paciência dos mestres que te guiaram na escola, e o amor puro de velhas afeições que te parecem distantes.

Contemplas a rua, onde luminárias e cânticos lhe reverenciam a glória; entretanto, vergas-te ao peso das lágrimas que te desafogam o coração... É que ele te fala no íntimo, rogando perdão para os que erram, socorro aos que sofrem, agasalho aos que tremem na vastidão da noite, consolação aos que gemem desanimados e luz para os que jazem nas trevas.

Não hesites! Ouve-lhe a petição e faze algo!... Sorri de novo para os que te ofenderam; abençoa os que te feriram; divide o farnel com os irmãos em necessidade; entrega um minuto de reconforto ao doente; oferece uma fatia de bolo aos que oram, sozinhos, sob ruínas e pontes abandonadas; estende um lençol macio aos que esperam a morte, sem aconchego do lar; cede pequenina parte de tua bolsa no auxílio às mães fatigadas, que se afligem ao pé dos filhinhos que enlanguescem de fome, ou improvisa a felicidade de uma criança esquecida.

Não importa se diga que cultivas a bondade somente hoje quando o Natal te deslumbra!... Comecemos a viver com Jesus, ainda que seja por algumas horas, de quando em quando, e aprenderemos, pouco a pouco, a estar com Ele, em todos os instantes, tanto quanto Ele permanece conosco, tornando diariamente ao nosso convívio e sustentando-nos para sempre. ■

Meimei

Fonte: XAVIER. Francisco C. *Antologia mediúnica do Natal*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. cap. 25.

Anencefalia

Richard Simonetti

Diz o artigo 3º da Declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1949: "Toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal".

Este artigo nos remete a tema bem atual: a descriminalização do aborto em casos de anencefalia, conforme decisão do Supremo Tribunal Federal, no Brasil.

Trata-se de um problema de malformação genética, em que o embrião não tem cérebro ou tem apenas parte dele. A gestação geralmente não evolui, ocorrendo o aborto espontâneo. Se chegar a nascer, a criança não sobreviverá às primeiras horas.

No passado, a anencefalia só podia ser descoberta após o nascimento ou o aborto. Hoje, em virtude de se dispor de exames mais sofisticados, é possível identificar o problema já nos primeiros meses de gestação.

•

Consideram, aqueles que são favoráveis ao aborto induzido de anencefálicos, que é preciso livrar a gestante do constrangimento de carregar no ventre, por meses, projeto de vida que não vingará, em torturante velório antecipado.

Ideia polêmica.

Para o pensamento religioso ocidental, envolvendo todas as correntes do Cristianismo, um anencefálico não deve ser situado por mero projeto de vida que não deu certo.

Não obstante o grave problema que carrega, é um filho de Deus, um ser humano. Como tal, devemos respeitar seu inalienável direito à vida, da qual somente Deus, o Criador, pode dispor.

Os defensores do aborto, na anencefalia ou em qualquer outro tipo de problema, dizem que o feto só será *gente* nos últimos meses de gestação, quando o corpo estiver inteiramente formado e preparado para o nascimento.

Com base nessa postura, em alguns países o aborto é autorizado até o quinto mês de gravidez, mesmo quando não haja problemas com o feto, simplesmente atendendo ao desejo da gestante.

Esse argumento é facilmente derrubado pelos recursos modernos de acompanhamento gestatório, a demonstrar que já nas primeiras semanas temos uma *vida em desenvolvimento e não uma simples promessa*.

O Espiritismo vai mais longe, explicando que desde a fecundação o Espírito liga-se ao corpo em formação, iniciando o processo reencarnatório.

Diga-se de passagem: há partos prematuros, no quinto mês, em que a criança sobrevive. Situação curiosa: se o médico, nos países que o autorizam, providencia o aborto nesta idade gestacional, tudo será bem aceito. Porém, se a criança nascer não mais se poderá cogitar de eliminá-la.

Na barriga da mãe é lícito matá-la. Fora, será infanticídio.

•

O pensamento espírita sobre o assunto está, basicamente, em duas questões de *O livro dos espíritos*:

> 358. *Constitui crime a provocação do aborto, em qualquer período da gestação?*
> "Há crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando."

> 359. *Dado o caso que o nascimento da criança pusesse em perigo a vida da mãe dela, haveria crime em sacrificar-se a primeira para salvar a segunda?*

> "Preferível é se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe."

Quando foi publicado *O livro dos espíritos*, em 1857, inexistia a cesariana. Não era rara a impossibilidade de nascimento em virtude de problemas, tais como nenê muito grande, bacia estreita ou problemas de dilatação da musculatura vaginal na gestante.

Em tais circunstâncias, como diz o mentor, seria razoável sacrificar o bebê em favor da mãe.

Partindo dessas questões, a posição espírita será contrária ao aborto do anencefálico, já que a gestação não envolve risco grave de vida à parturiente.

•

Consideremos a observação do mentor espiritual: "O aborto é crime porque impede uma alma de passar por provas tendo por instrumento o corpo que se estava formando".

A Terra não é morada de anjos.

Todos trazemos, ao reencarnar, determinados desajustes, frutos de nossos desatinos pretéritos. Eles se refletem no corpo físico, dando origem a limitações e males que atuam como depuradores espirituais.

Vemos crianças que desde a mais tenra infância apresentam-se portadoras de males graves, como o câncer.

É uma situação terrível que gera muita angústia para os pais e, não raro, revolta:

– Por que o meu filho? Por que não o filho do vizinho ou qualquer outro?

As religiões tradicionais não têm resposta, porquanto consideram que o Espírito é criado no momento da concepção.

E há teólogos que caem no materialismo para furtar-se a esse questionamento. Alegam que males e limitações congênitos são resultantes de acidentes biológicos, na combinação de elementos hereditários.

Lamentável explicação! Então, Deus mistura elementos hereditários como quem joga dados? De acordo com a combinação, o indivíduo pode nascer um atleta ou um paralítico, um gênio ou um idiota, alguém saudável ou muito doente?

•

Segundo informam os mentores espirituais, a anencefalia, embora limite a alguns meses o contato com a carne, permite ao Espírito superar determinados desajustes oriundos de seus comprometimentos no pretérito.

Considerando assim, o que você almejaria, caro leitor, estando no mundo espiritual, se necessitasse urgentemente reencarnar para reajustar-se às leis divinas?

Sem dúvida, que respeitassem seu direito à vida, ou à tentativa de viver, ainda que por breve período. Desejaria que a decisão quanto à possível interrupção da gestação fosse sempre de Deus que, melhor que seus pais, os médicos, você mesmo, saberia definir o mais proveitoso em seu benefício.

O fugaz período de contato com a matéria densa, a partir da fecundação do óvulo pelo espermatozoide, quando se inicia a reencarnação, seria muito útil, valioso *tratamento de choque* para seus males.

•

Obviamente, a gestação de um anencefálico não é desejável por ninguém. Seria mesmo compreensível que uma mulher em tal condição e sem o conhecimento espírita optasse pelo aborto.

Porém, se está consciente de que o que está enfrentando não é obra do acaso e de que asila no seio um Espírito em processo expiatório, que lhe será sumamente importante, então certamente ela terá a serenidade necessária para ajudá-lo, submetendo-se aos desígnios divinos.

Mais tarde, o filho já tão amado lhe será grato pelo sacrifício, estreitando laços de afetividade entre ambos.

Uma jovem, grávida de quatro meses, submeteu-se a ultrassonografia e constatou que trazia em seu ventre uma criança anencefálica.

Contrariando a opinião dos médicos e da família, decidiu levar a gestação até o fim.

A criança faleceu pouco depois do nascimento.

Meses depois, o filho, reintegrado na vida espiritual, manifestou-se num Centro Espírita, agradecendo-lhe por sua paciência e sacrifício.

Afirmou que aqueles meses de gestação foram muito importantes para ele, permitindo-lhe superar desajustes muito graves e habilitando-o a reencarnar em situação melhor.

Melhor estaremos todos, sempre que nos dispusermos a cumprir a vontade de Deus, evitando trazer para a esfera terrestre decisões que são da competência celeste.■

Não te canses de amar...

Lucy Dias Ramos

A multiplicidade de cores neste amanhecer, adornando a paisagem de uma beleza incomparável, anuncia um novo dia com promessas indefiníveis...

Colorindo as nuvens em tons rosáceos, o Sol ainda não despontou por trás da montanha, mas já altera a imagem que descortino nesta contemplação que me emociona, modificando a cada segundo a tonalidade das cores que se acentuam e chegam a nuanças mais intensas e avermelhadas para logo depois suavizarem...

A cada nova percepção, na qual me demoro em reflexões, a paisagem muda, conservando a luminosidade do Sol que, agora, mais próximo em seu despontar, vai colorindo em tons dourados a montanha que desperta.

Tocados pela magia do alvorecer em sua beleza imensurável, quando o coração, sob a égide do amor, colore como o Sol benfazejo tudo o que toca e atinge, procuramos com nosso pensamento irradiar a gratidão pelas bênçãos da vida e pelo que ela nos presenteia neste alvorecer.

Oramos e agradecemos a Deus por um novo dia!

Nestas divagações, que procuro realizar a cada despertar, antes de assumir os deveres de cada dia, busco em meu íntimo a valorização de tudo o que a vida me concede em dádivas de amor, de oportunidades de trabalho no bem, nas afeições queridas que plenificam meu viver, nos valores morais que amealhei ao longo desta caminhada.

Reconheço que ainda estou longe de tudo o que posso melhorar para compensar o que tenho recebido através da misericórdia divina, em vidas sucessivas nas quais busco a perfeição moral.

Mas, estou feliz pelo que já conquistei neste entardecer da vida e hoje, quando escrevo sobre conflitos familiares, quando falo no poder do amor suavizando as dores da alma, na riqueza do conhecimento que nos leva a refletir mais demoradamente sobre nossa destinação na Terra, consigo agradecer, com profundo sentimento a Deus, pela vida que esplende diante de mim. Nessa imersão em pensamentos de paz e amor, sinto que estou conseguindo vencer minhas dificuldades, aprimorando meu ser.

Comprova o que sinto o despertar da espiritualidade que se acentua na mesma proporção em que envelheço, e vou, através do bem que já posso realizar, adquirindo a maturidade emocional

indispensável para viver o amor em toda a sua plenitude, conquistando a paz que tanto almejo.

Toda esta abertura que a admiração da natureza imprime em meu ser, desperta recordações do que devo repassar para você, querido leitor, nesta manhã. Falo de vivências familiares, do lar como o santuário de bênçãos onde aprendemos e exercitamos a paciência, o perdão, a compreensão e a tolerância, possibilitando-nos assim enfrentar as agruras da vida em sociedade, na qual teremos que desenvolver com maior intensidade estas virtudes assimiladas no dia a dia junto ao grupo familiar.

Emmanuel nos leciona com sabedoria:

> A casualidade não se encontra nos laços da parentela.
> Princípios sutis da Lei funcionam nas ligações consanguíneas.
> Impelidos pelas causas do passado a reunir-nos no presente, é indispensável pagar com alegria os débitos que nos imanam a alguns corações, a fim de que venhamos a solver nossas dívidas para com a humanidade.[1]

Essa compreensão maior das leis da vida torna-nos mais aptos a vencer as dificuldades no relacionamento familiar e assim, movidos pelo amor, vamos amenizando as feridas da alma, aparando as arestas da animosidade latente e suavizando a convivência, por vezes tão áspera.

Creio que a dificuldade maior, em se tratando de convivência familiar, está no apego excessivo aos que caminham conosco, nas atitudes de egoísmo com relação aos direitos alheios e nas exigências descabidas de afetos, de considerações que ainda não dispensamos

aos outros, exigindo da vida, distraídos de nossos deveres, o que não doamos, movidos pelo egoísmo.

Considero a gentileza o primeiro estágio para aprendermos a amar e tolerar o próximo. E quando digo – próximo – falo daquele que está ao nosso lado na vida diária, principalmente no lar.

Aprendamos a respeitar os que amamos, ou pretendemos amar, como desejamos que nos amem e respeitem. Não façamos dos entes queridos objetos de nossa satisfação e de atitudes egoísticas, usando-os como se fossem seres sem desejos próprios ou sonhos pessoais.

No lar iremos aprender a exercitar o despojamento, o respeito, a ternura de amar sem exigir reciprocidade, a renúncia, a caridade moral, erguida em alicerce sólido e duradouro do exemplo, do amor, da solicitude e da compaixão.

Leciona o Benfeitor espiritual:

> Aprendamos a viver com todos, tolerando para que sejamos tolerados, ajudando para que sejamos ajudados, e o amor nos fará viver, prestimosos e otimistas, no clima luminoso em que a luta e o trabalho são bênçãos de esperança.[2]

Quem ama o próximo aprende, antes de qualquer coisa, a compreender, porque o amor tem este poder mágico de transformar os sentimentos, melhorando-os e educando-os para externar as intenções com relação ao outro, edificando a paz em nosso íntimo e estendendo-a aos que convivem conosco.

Nesta compreensão maior de nossa destinação espiritual e dos reais objetivos da vida, ampliando o discernimento em torno do sentido existencial, iremos fortalecendo nossa fé, aprimorando o mundo íntimo e enriquecendo-o dos valores imperecíveis que serão, realmente, aquisições permanentes e estáveis.

Jesus, o educador por excelência e psicoterapeuta ideal, quando estabeleceu as bases de sua doutrina no amor, sabia que este seria o caminho de nossa redenção espiritual.

Em todas as situações dolorosas, somente o amor nos dará subsídios para vencer e não nos deixarmos levar pela animosidade, pelo desconforto do desânimo e da intolerância.

Enumeramos algumas situações que nos constrangem e poderão nos levar ao desânimo:

- julgamento descaridoso perturbando os planos de serviço;
- enfermidade dominando nossas forças;
- incompreensões e dificuldades no lar;
- decepções com a vida e com os que amamos;
- perdas e separações que amarguram.

E a nobre Benfeitora espiritual concita-nos:

> O amor é bênção de que dispões em todos os dias da tua vida para avançares e conquistares espaço no rumo da evolução.
> Não te canses de amar, sejam quais forem as circunstâncias, por mais ásperas se te apresentem.
> A Doutrina de Jesus, ora renascida no pensamento espírita, é um hino canção de amor, assinalando a marcha do futuro através das luzes da razão unida à fé em consórcio de legítimo amor.[3]

Joanna de Ângelis, em várias exortações ao amor, como a única solução para nossos problemas vivenciais, alerta-nos quanto à necessidade deste sentimento nobre em várias circunstâncias e estabelece normas que constituem as únicas capazes de nos conduzir com segurança para a conquista da paz e da serenidade íntima.

No lar, escola que edifica nossas almas, o amor agirá como o sentimento nobre que nos liberta e redime, conclamando-nos à compreensão e à generosidade diante de todos os que caminham ao nosso lado.

Somente assim, encontraremos a perenidade das coisas que nos convêm, agindo como alavancas de nosso crescimento moral. ■

Referências:

[1]XAVIER, Francisco C. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 6. imp. Brasília: FEB, 2013.

[2]_____. _____. cap. 158.

[3]FRANCO, Divaldo P. *Viver e amar*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 4. ed. Salvador: Leal, 2010. cap. 1.

Jesus no Tabor

"A luta da verdade, a luta das ideias,
É feita nos clarões das grandes epopeias."
Guerra Junqueiro

Mário Frigéri

Harmonizando e complementando entre si as três narrativas dos Evangelhos sinópticos sobre a transfiguração de Jesus, ocorrida presumivelmente no monte Tabor, podemos encontrar um desenvolvimento lógico e esclarecedor dos fatos que se deram naquele dia inesquecível do Cristianismo nascente.

> Seis dias depois, Jesus chamou a Pedro e aos irmãos Tiago e João e os levou, em particular, a um alto monte com o propósito de orar.
> E aconteceu que, enquanto orava, a aparência de seu rosto se transfigurou e resplandecia como o sol; e suas vestes se tornaram alvas como a neve, de uma brancura como nenhum lavandeiro na terra poderia alvejar.
> E eis que lhes apareceram dois varões cheios de glória, Moisés e Elias, que falavam com Jesus a respeito de sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém.
> Pedro e seus dois companheiros achavam-se premidos de sono; mas, conservando-se acordados, viram a sua glória e os dois varões que com ele estavam.
> Sucedeu que, quando estes se iam afastando de Jesus, Pedro propôs: Senhor, bom é estarmos aqui; se quiseres, faremos três tendas – uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias. Mas ele não sabia o que dizia, por estarem os três aterrorizados.
> Enquanto assim falava, veio uma nuvem luminosa e os envolveu, e uma voz, que saía da nuvem, disse: Este é o meu Filho muito amado, em quem me comprazo: a ele ouvi!
> Ouvindo isso, os discípulos caíram de bruços, tomados de grande medo. Jesus se aproximou, tocou-os e lhes disse: Levantai-vos e não temais. Erguendo então os olhos, eles a ninguém mais viram senão somente a Jesus.
> Quando desciam do monte, Jesus lhes ordenou que a ninguém falassem do que tinham visto, até que o Filho do homem houvesse ressuscitado dentre os mortos. E eles guardaram segredo do fato, perguntando entre si o que significariam estas palavras: até que o Filho do homem ressuscite dentre os mortos. (*Mateus*, 17: 1 a 8; *Marcos*, 9: 2 a 9; *Lucas*, 9: 28 a 36.)

O formato de perguntas, em número de dez, adotado a seguir, foi escolhido para facilitar a compreensão do texto, e as respostas, hauridas na vasta e enriquecedora Doutrina Espírita, têm por fim estimular os que estudam, pesquisam, prospectam, discernem, assi-

milam, vivenciam e propagam os postulados espíritas-cristãos a aprofundar estes e outros relevantes temas, usando como ferramenta o manancial inesgotável, disponibilizado pela Terceira Revelação.

1) Por que Jesus escolheu a Pedro, Tiago e João, de preferência aos outros discípulos, para a realização desse fenômeno tão especial?

Porque, dentre os doze, eles eram os discípulos que apresentavam as disposições mediúnicas mais favoráveis à percepção do fenômeno transcendental que se ia realizar.

2) Como se deu a transfiguração de Jesus?

Jesus cobriu seu corpo e suas vestes com fluidos luminosos que, com sua poderosa vontade, atraiu do plano espiritual, ou irradiou de si mesmo a fulgurante luz que tinha nascente em sua alma. Para eles, seu rosto resplandeceu como o Sol, cujos raios poderosos os forçaram a baixar os olhos para o chão. O Cristo, porém, não se lhes apresentou no fulgor integral de sua glória, mas dosou sua luminescência à claridade que os discípulos, na sua condição de humanidade, podiam suportar.

3) Qual o significado da presença dos profetas Moisés e Elias naquela manifestação?

Moisés e Elias (que viveram antes da Era Cristã, aproximadamente 1.300 anos o primeiro, e 900, o segundo) haviam, ambos, profetizado a vinda do Messias. A presença dos dois validava, aos olhos dos apóstolos, a missão do Cristo.

Para os discípulos, era difícil compreender como o Evangelho se estabeleceria em todo o mundo, conforme a promessa de Jesus, se a vida humana era tão curta para permitir ao Mestre e a seu colegiado apostólico realizar um programa de tamanha envergadura.

Dessa forma, a presença de Moisés e Elias – que também haviam trabalhado pela regeneração da humanidade e fizeram promessas para o futuro – teve por fim demonstrar aos apóstolos como e em que condições eles continuariam a obra que haviam começado.

Assim como Moisés e Elias prometeram o advento do Messias e voltaram, estando agora ali a seu lado secundando-o em sua missão, Jesus também prometeu a vinda futura do Consolador, e os apóstolos poderiam, mediante o mesmo processo, estar ativos e presentes nesse novo advento.

4) Por que Moisés e Elias falaram a Jesus sobre sua saída do mundo, fato que deveria realizar-se em Jerusalém?

Isto foi uma apreciação humana, registrada exclusivamente por Lucas que, após a ressurreição do Cristo, provavelmente ouviu os fatos narrados pelos três discípulos presentes no Tabor e deles tirou sua dedução pessoal. João não se referiu ao acontecimento em seu Evangelho e Pedro tocou nele de forma bastante sucinta em sua 2ª Epístola, capítulo I, versos 17 e 18, sem entrar em pormenores. Tiago não deixou qualquer documento escrito. O estudo atento dos Evangelhos comprova que muitas vezes os evangelistas ficavam entregues às suas próprias excogitações e emitiam impressões particulares sobre acontecimentos que os aturdiam.

Jesus já havia predito, com bastante antecedência, sua ida a Jerusalém, bem como os eventos de sua morte e ressurreição. Nenhum fato novo poderiam acrescentar a isso Moisés e Elias, Espíritos de grande luz, mas muito inferiores ao Cristo, e que, também, foram seus emissários em outras épocas.

5) Como se explica a sonolência que se abateu sobre os discípulos?

Não se trata do sono ordinário ou natural que ocorre com toda a gente. Era um estado de torpor que os médiuns experimentam quando se produz uma forte manifestação de origem espiritual. Foram envolvidos pelos fluidos que os Espíritos prepostos àquela manifestação lançaram sobre eles, a fim de, obliterando suas faculdades materiais e aguçando as espirituais, os tornarem aptos a ver e ouvir o que ia ocorrer em outra dimensão.

6) Por que Pedro sugeriu o levantamento de três tendas na-

quele local, uma para Jesus, outra para Moisés e outra para Elias?

As crenças hebraicas a respeito da ressurreição e da reencarnação eram muito elementares e confusas. Pedro acreditava que estava vendo Moisés e Elias ressuscitados em corpos carnais e gostaria que eles permanecessem junto ao Mestre, dando-lhe apoio à missão sacrificial. Ao ver que se afastavam, apressou-se a apresentar aquela proposta com esse objetivo.

7) O que realmente significou aquela voz que saiu da nuvem?

A nuvem luminosa que os envolveu foi produzida pelos fluidos invisíveis disseminados no ambiente, mas concentrados pela vontade soberana do Cristo e tornados perceptíveis à visão adrede sublimada dos apóstolos. Aquela voz foi decorrência do fenômeno conhecido como voz direta que, em nome do Onipotente, confirmava, perante os discípulos, a missão de Jesus como sendo o Messias prometido pelas revelações proféticas do *Velho Testamento*.

8) Por que Jesus proibiu seus discípulos de se reportarem àqueles fatos antes que Ele ressuscitasse dentre os mortos?

Porque se eles divulgassem imediatamente aquela visão que acabavam de presenciar, ninguém lhes daria crédito, pondo em risco acontecimentos que seriam de grande importância na consolidação do Cristianismo ainda infante. Era necessário que o testemunho deles em relação ao que se dera no monte fosse aceito pelos homens. Mas isso só seria possível quando, cumprida a missão messiânica e comprovada a ressurreição do divino Mestre, com todos os fatos extraordinários que lhe foram consequentes, os homens pudessem compreender o vínculo causal e a relação harmoniosa entre os últimos acontecimentos da vida do Cristo e aqueles ocorridos durante a sua missão terrena.

9) Qual a finalidade, para a história do Cristianismo, dessa estupenda manifestação espiritual proporcionada por Jesus?

A análise meditada dos Evangelhos e luarizada pela Doutrina do Consolador permite-nos concluir que Jesus tinha, em princípio, quatro objetivos:

a) revelar em parte, a seus discípulos, a grandeza de sua elevação espiritual, com o propósito de firmar-lhes a fé;

b) afirmar perante eles a importância de sua missão como o Cristo, o Filho de Deus;

c) estabelecer, sob um véu que seria levantado mais tarde pela Terceira Revelação, as promessas do Messias quanto à futura manifestação do Consolador; e

d) permitir a seus apóstolos, em face daquela visão, entreverem a glória da vida espiritual que eles tanto ambicionavam e que lhes estava reservada no porvir.

10) Que conclusão podemos tirar hoje daquele maravilhoso fenômeno ocorrido no Tabor?

Podemos alinhavar principalmente duas conclusões:

– primeira, a de que a morte não existe, porque Moisés e Elias estavam ali no monte, vivos e atuantes, dialogando com Jesus, o que não seria possível se a morte reduzisse o ser pensante a nada, como querem os materialistas, ou mantivesse as almas adormecidas e inertes até o dia do Juízo, como creem equivocadamente algumas correntes religiosas; e,

– segunda, a de que a comunicação entre o invisível e o visível, "mortos" e vivos, desencarnados e encarnados, é uma lei natural abençoada por Deus, como se ouviu da voz procedente da nuvem, e sancionada por Jesus em seu diálogo com os dois grandes vultos da *Torá*. Jesus desautorizava assim a antiga e tão desgastada proibição de Moisés ao povo hebreu (de se comunicar com os chamados mortos) e estabelecia um novo parâmetro no intercâmbio da nossa humanidade sombria com o lado reverso e luminoso da vida, parâmetro este adotado pioneira e vanguardeiramente pelo Espiritismo cristão solidamente estabelecido no mundo pela visão cósmica e o gênio irrivalizável de Allan Kardec.■

Segue-me tu

"Disse-lhe Jesus: – Se Eu quero que ele fique até que Eu venha, que te importa a ti? Segue-me tu."
(*João*, 21:22.)

Nas comunidades de trabalho cristão, muitas vezes observamos companheiros altamente preocupados com a tarefa conferida a outros irmãos de luta.

É justo examinar, entretanto, como se elevaria o mundo se cada homem cuidasse de sua parte, nos deveres comuns, com perfeição e sinceridade.

Algum de nossos amigos foi convocado para obrigações diferentes?

Confortemo-lo com a legítima compreensão.

Às vezes, surge um deles, modificado ao nosso olhar. Há cooperadores que o acusam. Muitos o consideram portador de perigosas tentações. Movimentam-se comentários e julgamentos à pressa. Quem penetrará, porém, o campo das causas? Estaríamos na elevada condição daquele que pode analisar um acontecimento, por todos os ângulos? Talvez o que pareça queda ou defecção pode constituir novas resoluções de Jesus, relativamente à redenção do amigo que parece agora distante.

O bom Pastor permanece vigilante. Prometeu que das ovelhas que o Pai lhe confiou nenhuma se perderá.

Convém, desse modo, atendermos com perfeição aos deveres que nos foram deferidos. Cada qual necessita conhecer as obrigações que lhe são próprias.

Nesse padrão de conhecimento e atitude, há sempre muito trabalho nobre a realizar.

Se um irmão parece desviado aos teus olhos mortais, faze o possível por ouvir as palavras de Jesus ao pescador de Cafarnaum: "Que te importa a ti? Segue-me tu."

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Caminho, verdade e vida*. 5. imp. Brasília: FEB, 2013. cap. 2.

Produção editorial da FEB

Lançamentos e reedições de 2012-2013

Geraldo Campetti Sobrinho

Prezado leitor, apresentamos a seguir a relação dos novos títulos e reedições publicados pela FEB Editora em 2012 e 2013.

Lançamentos

1. *Anna Prado, a mulher que falava com os mortos*, Samuel Nunes Magalhães;
2. *Anotações espíritas*, organizado por Geraldo Campetti Sobrinho;
3. *Atendimento espiritual pelo passe (O)*, organizado por Marta Antunes Moura;
4. *Aventura no reino da batatinha (Uma)*: aprendendo a cooperar, de Regina Campello;
5. *Bom amigo (O)*, de Magdalena del Valle Gomide;
6. *Conviver para amar e servir*, baseado em Mário Barbosa, de Helder Boska de Moraes Sarmento, Reinaldo Nobre Pontes e Sonia Regina Hierro Parolin;
7. *Cura do cego de Jericó (A)*, de Adeilson Salles;
8. *Em nome do amor*: a mediunidade com Jesus, de Divaldo Pereira Franco / Bezerra de Menezes;
9. *Espiritismo e desenvolvimento sustentável*: caminhos para a sustentabilidade, de Carlos Orlando Villarraga;
10. *Estudos e crônicas de Hermínio C. Miranda*, de Hermínio C. Miranda;
11. *Evangelho aos simples*, de Yvonne A. Pereira;
12. *Família espírita (A)*, de Yvonne A. Pereira;
13. *Folhas de outono*, de Lucy Dias Ramos;
14. *História de Tuco (A)*: aprendendo a superar, de Regina Campello;
15. *História do espiritualismo (A)*: de Swedenborg ao início do século XX, de Arthur Conan Doyle, tradução de José Carlos da Silva Silveira;
16. *Livro dos espíritos (O)*: edição histórica bilíngue, de Allan Kardec, tradução de Evandro Noleto Bezerra;
17. *Menino que fazia aviões (O)*: fazendo a escolha certa, de Regina Campello;
18. *Novo Testamento (O)*, tradução de Haroldo Dutra Dias;
19. *Rua sem nome (A)*, de Etna Lacerda;
20. *Sacola misteriosa (A)*, de Cesar Braga Said;
21. *Sublime sementeira*: evangelização infantojuvenil, organizado pela equipe DIJ/FEB;
22. *Vida no mundo espiritual (A)*: estudo da obra de André Luiz, coordenado por Geraldo Campetti Sobrinho.

Reedições

1. *Ação e reação* – Francisco Cândido Xavier / André Luiz;
2. *Agenda cristã* – Francisco Cândido Xavier / André Luiz;
3. *Além e a sobrevivência do ser (O)* – Léon Denis;
4. *Antevésperas de Natal* – Cecília Rocha e Clara Araújo;
5. *Aprendendo a voar* – Robson Dias / Vovó Amália;
6. *Ave, Cristo!* – Francisco Cândido Xavier / Emmanuel;
7. *Bellinha e a lagarta Bernadete* – Adeilson Salles;
8. *Bem-aventurados os simples* – Waldo Vieira / Valérium;
9. *Bezerra de Menezes*: ontem e hoje – coordenado por Juvanir Borges de Souza;
10. *Biblioteca espírita* : Princípios e técnicas de organização e funcionamento – Geraldo Campetti Sobrinho;
11. *Boa nova* – Francisco Cândido Xavier / Humberto de Campos;
12. *Bom louro* – Cecília Rocha e Zaira Silveira;

13. *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho* – Francisco Cândido Xavier / Humberto de Campos;

14. *Caminho da luz (A)* – Francisco Cândido Xavier / Emmanuel;

15. *Cão salva-vidas (O)* – Cecília Rocha e Clara Araújo;

16. *Cartas e crônicas* – Francisco Cândido Xavier / Irmão X;

17. *Castelo de açúcar (O)* – Robson Dias / Vovó Amália;

18. *Cavalinho de flores* – Magdalena del Valle Gomide;

19. *Céu e o inferno (O)* – Allan Kardec – trad. Evandro Noleto Bezerra;

20. *Céu e o inferno (O)* – Allan Kardec – trad. Manuel Quintão;

21. *Cinquenta anos depois* – Francisco Cândido Xavier / Emmanuel;

22. *Coelhinho mexe-mexe (O)* – Cecília Rocha e Zaira Silveira;

23. *Conchinha falante (A)* – Robson Dias / Vovó Amália;

24. *Conduta espírita* – Waldo Vieira / André Luiz;

25. *Consolador (O)* – Francisco Cândido Xavier / Emmanuel;

26. *Contos desta e doutra vida* – Francisco Cândido Xavier / Irmão X;

27. *Contos e apólogos* – Francisco Cândido Xavier / Irmão X;

28. *Cristianismo e espiritismo* – Léon Denis;

29. *Depois da morte* – Léon Denis;

30. *Devassando o invisível* – Yvonne A. Pereira;

31. *Dimensões espirituais do centro espírita* – Suely Caldas Schubert;

32. *Docemel, a abelha que não acreditava em Deus* – Robson Dias / Vovó Amália;

33. *Dramas da obsessão* – Yvonne A. Pereira / Bezerra de Menezes;

34. *Encontro marcado* – Francisco Cândido Xavier / Emmanuel;

35. *Entre a Terra e o céu* – Francisco Cândido Xavier / André Luiz;

36. *Espiritismo de A a Z (O)* – coordenado por Geraldo Campetti Sobrinho;

37. *Espiritismo e ecologia* – André Trigueiro;

38. *Espiritismo na sua expressão mais simples e outros opúsculos de Kardec (O)* – Allan Kardec – trad. Evandro Noleto Bezerra;

Geraldo Campetti Sobrinho (vice-presidente da FEB) e Marcelo José (repórter da Rádio Rio de Janeiro) na XVI Bienal do Livro do Rio de Janeiro

39. *Espiritismo passo a passo com Kardec* – Christiano Torchi;

40. *Espírito da verdade (O)* – Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira / Espíritos diversos;

41. *Estude e viva* – Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira / Emmanuel e André Luiz;

42. *Estudo aprofundado da Doutrina Espírita* (Livros I a V) – organizado por Marta Antunes Moura;

43. *Estudo e prática da mediunidade* (Programas I e II) – organizado por Marta Antunes Moura;

44. *Evangelho segundo o espiritismo (O)* – Allan Kardec – trad. Guillon Ribeiro;

45. *Evolução em dois mundos* – Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira / André Luiz;

46. *Fonte viva* – Francisco Cândido Xavier / Emmanuel;

47. *Gato lindinho (O)* – Cecília Rocha e Zaira Silveira;

48. *Gênese (A)* – Allan Kardec – trad. Evandro Noleto Bezerra;

49. *Gênese (A)* – Allan Kardec – trad. Guillon Ribeiro;

50. *Gotinha de orvalho (A)* – Cecília Rocha e Zaira Silveira;

51. *Há dois mil anos* – Francisco Cândido Xavier / Emmanuel;

52. *História no mundo espiritual (Uma)* – Cecília Rocha e Clara Araújo;

53. *Instruções psicofônicas* – Francisco Cândido Xavier / Espíritos diversos;

54. *Justiça divina* – Francisco Cândido Xavier / Emmanuel;

55. *Libertação* – Francisco Cândido Xavier / André Luiz;

56. *Livro dos espíritos (O)* – Allan Kardec – trad. Evandro Noleto Bezerra;

57. *Livro dos espíritos (O)* – Allan Kardec – trad. Guillon Ribeiro;

58. *Livro dos médiuns (O)* – Allan Kardec – trad. Evandro Noleto Bezerra;

59. *Livro dos médiuns (O)* – Allan Kardec – trad. Guillon Ribeiro;

60. *Luz acima* – Francisco Cândido Xavier / Irmão X;

61. *Mecanismos da mediunidade* – Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira / André Luiz;

62. *Memórias do Padre Germano* – Amalia Domingo Soler;

63. *Mensageiros (Os)* – Francisco Cândido Xavier / André Luiz;

64. *Missionários da luz* – Francisco Cândido Xavier / André Luiz;

65. *Mundo maior (No)* – Francisco Cândido Xavier / André Luiz;

66. *Obreiros da vida eterna* – Francisco Cândido Xavier / André Luiz;

67. *Orientação à comunicação social espírita* – coordenação e organização de Merhy Seba;

68. *Palavras de Emmanuel* – Francisco Cândido Xavier / Emmanuel;

69. *Paulo e Estêvão* – Francisco Cândido Xavier / Emmanuel;

70. *Peixinho e o rio (O)* – Robson Dias / Vovó Amália;

71. *Pensamento e vida* – Francisco Cândido Xavier / Emmanuel;

72. *Por todos e todos por um (Um)* – Adeilson Salles;

73. *Problema do ser, do destino e da dor (O)* – Léon Denis;

74. *Recordações da mediunidade* – Yvonne A. Pereira;

75. *Religião dos espíritos* – Francisco Cândido Xavier / Emmanuel;

76. *Renúncia* – Francisco Cândido Xavier / Emmanuel;

77. *Roteiro* – Francisco Cândido Xavier / Emmanuel;

78. *Rumo certo* – Francisco Cândido Xavier / Emmanuel;

79. *Seara dos médiuns* – Francisco Cândido Xavier / Emmanuel;

80. *Segredo da onça-pintada (O)* – Adeilson Salles;

81. *Sermão da montanha (O)* – Rodolfo Calligaris;

82. *Serviço de assistência e promoção social espírita*: manual de apoio – organizado por José Carlos da Silva Silveira;

83. *Sexo e destino* – Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira / André Luiz;

84. *Temas da vida e da morte* – Divaldo P. Franco / Manoel P. de Miranda;

85. *Trovas do outro mundo* – Francisco Cândido Xavier / Trovadores diversos;

86. *Vida e sexo* – Francisco Cândido Xavier / Emmanuel;

87. *Vinha de luz* – Francisco Cândido Xavier / Emmanuel;

88. *Voltei* – Francisco Cândido Xavier / Irmão Jacob;

89. *Vozes do grande-além* – Francisco Cândido Xavier / Espíritos diversos.

Veja mais informações no *site* da editora: <www.febeditora.com.br> ou na loja virtual: <www.feblivraria.com.br>. ■

Onde está Jesus?

Marta Antunes Moura

Ante os graves desafios presentes no mundo moderno – entre eles, cataclismos naturais, terrorismo, desemprego, pobreza e fome extremas, desagregação familiar e fragilidade dos laços de fraternidade – o ser humano se vê subjugado pelo peso da existência, por onde transita, em estado de contínua aflição. Desesperançado, fecha-se em copas, cerrando as portas do mundo íntimo às bênçãos que do mais Alto se derramam sobre todas as criaturas, consoante os ditames da misericórdia divina. Subordinado aos imperativos das ilusões viciantes da vida material, que obliteram a razão e turvam os sentidos, o Espírito adoece.

Por desconhecer Jesus, ou dele se manter afastado, a criatura humana percorre caminhos tortuosos, alimentando-se da rebeldia, senão da delinquência. Sem medir os resultados das próprias escolhas, repudia valores morais e éticos sublimados na mensagem cristã. Em consequência, é triste a realidade da vida de quem, por opção, repudia Jesus, aquele que se autodenominou "o Caminho, a Verdade e a Vida" (*João*, 14:6). Consoante esta informação, o apóstolo e evangelista João assim identifica o Mestre nazareno:

> No princípio havia o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava, no princípio, junto com Deus. Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada que se encontra feito se faria. Nele havia vida, e a vida era a luz dos homens, e a luz brilha na treva, e a treva não a reteve. [...] Ele {Jesus} era a luz verdadeira, que ilumina todo homem que vem para o mundo. Estava no mundo, e o mundo por meio dele foi feito, e o mundo não o conheceu. Veio para suas próprias coisas, mas os seus não o acolheram. Mas a todos que o receberam, deu-lhes, aos que creem no seu nome, o poder de se tornarem filhos de Deus [...]. João testemunha a respeito dele e tem clamado dizendo: "Este era aquele de quem eu disse. O que vem depois de mim é antes de mim, porque existia primeiro do que eu, pois da sua plenitude todos nós recebemos graça sobre graça. [...][1]

Haroldo Dutra Dias, tradutor espírita de *O novo testamento*, apresenta úteis esclarecimentos a respeito do texto de João com o intuito de evitar interpretações dúbias em relação à palavra Verbo e à suposição de Deus e Jesus serem considerados entidade única. Informa, então, que o termo Verbo tem muitos significados: "**Ãóyos** (*lógos*) – **palavra, verbo, discurso, narrativa; razão, raciocínio, inteligência; conta, cálculo** [...]".[2] (Destaques do original.) Contudo, a ideia que mais se ajusta aos registros de João é Verbo ser considerado sinônimo de *Palavra* ou de *Sabedoria*, isto é, a "personificação de *Ãóyos* (*lógos*)".[2] Ao detalhar as explicações, acrescenta:

> [...] Por esta razão, alguns estudiosos chegaram a afirmar que a "**Palavra**", nesta coletânea de textos, indica **Deus em ação**, especialmente na criação, na revelação e na libertação do povo

> hebreu. Assim, a sua presença junto de Deus, seu papel na criação, o fato de ter sido enviada ao mundo com a missão de revelar e/ou ensinar representam um conjunto de temas ligados tanto à **Sabedoria** quanto à **Palavra**. [...] O evangelista João, por sua vez, ultrapassa a personificação meramente literária atribuindo existência real ao Verbo. Neste evangelho, de modo especial, Ãóyos (**lógos**) é visto como o próprio Jesus Cristo, mediador da revelação divina [...]. (Destaques do original.)[3]

Fica evidente, dessa forma, porque os orientadores da Codificação Espírita consideram Jesus "o tipo mais perfeito que Deus já ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo".[4]

Personalidade singular por excelência, Jesus mudou os caminhos da civilização, a ponto de dividir os acontecimentos da História em dois grandes momentos: antes e depois do Cristo. O seu nascimento e a sua mensagem foram previstos por profetas do *Velho Testamento*, indicando-nos que Ele é o Messias, o Enviado do Criador supremo, como lembra Emmanuel:

> – Antes de tudo, precisamos compreender que Jesus não foi um filósofo e nem poderá ser classificado entre os valores propriamente humanos, tendo-se em conta os valores divinos de sua hierarquia espiritual, na direção das coletividades terrícolas.
>
> Enviado de Deus, Ele foi a representação do Pai junto do rebanho de filhos transviados do seu amor e da sua sabedoria, cuja tutela lhe foi confiada nas ordenações sagradas da vida no Infinito.
>
> Diretor angélico do orbe, seu coração não desdenhou a permanência direta entre os tutelados míseros e ignorantes[...].[5]

Mas, ***onde está Jesus?***

A resposta à pergunta é simples: Ele está conosco permanentemente. Em todos os instantes da vida guia-nos a caminhada ascensional. Contudo, para perceber a sua presença amiga devemos ter "ouvidos para ouvir" e "olhos para ver" (*Mateus*, 13:13).[6] Significa dizer, em outras palavras, que para encontrar Jesus é preciso prestar mais atenção no porquê da vida e da existência humana. Como cristãos, porém, é necessário que o Evangelho se entranhe em nossa alma de forma que a humildade, o desapego (a bens e pessoas), o espírito de solidariedade e compaixão sejam cultivados em nossas relações pessoais. Somente assim, é possível nos libertarmos das análises superficiais dos ensinos de Jesus que conduzem à fé cega e dogmática.

Ouvir e ver Jesus é também aceitar o seu jugo, assim especificado pelo Senhor:

> Vinde a mim todos os cansados e sobrecarregados, e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou brando e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve. (*Mateus*, 11:28 a 30.)[7]

O jugo de Jesus está vinculado à observância do seu Evangelho:

> [...] Seu jugo é a observância dessa lei, mas esse jugo é leve e a lei é suave, pois que apenas impõe, como dever, o amor e a caridade.[8]

Somente o amor e a caridade, características essenciais do jugo de Jesus, têm o poder de transformar a conduta humana, conduzindo o homem à felicidade plena, ainda que submetido às inevitáveis provações. Daí o profundo significado desta exortação do apóstolo Pedro:

> [...] Levai, pois, vida de autodomínio e de sobriedade, dedicada à oração. Acima de tudo, cultivai, com todo o ardor, o amor mútuo, porque *o amor cobre uma multidão de pecados*.[9] (*I Pedro*, 4:7 e 8.)

Jesus está sempre conosco, aqui e agora, não tenhamos dúvidas. Ouçamos a sua voz amiga e consoladora que nos incita à prática do bem. Abençoados pelo seu amor, prossigamos firmes a nossa jornada evolutiva, como orienta Emmanuel:

"Vinde a mim!" – clamou o Mestre – "tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei comigo, que sou manso e humilde de coração!"

Seu apelo amoroso vibra no mundo, através de todos os séculos do Cristianismo.

Compacta é a turba de desesperados e oprimidos da Terra, não obstante o amorável convite.

É que o Mestre no "Vinde a mim!" espera naturalmente que as almas inquietas e tristes o procurem para a aquisição do ensinamento divino. Mas nem todos os aflitos pretendem renunciar ao objeto de suas desesperações, e nem todos os tristes querem fugir à sombra para o encontro com a luz.

A maioria dos desalentados chega a tentar a satisfação de caprichos criminosos com a proteção de Jesus, emitindo rogativas estranhas.

Entretanto, quando os sofredores se dirigirem sinceramente ao Cristo, hão de ouvi-lo, no silêncio do santuário interior, concitando-lhes o espírito a desprezar as disputas reprováveis do campo inferior.

Onde estão os aflitos da Terra que pretendem trocar o cativeiro das próprias paixões pelo jugo suave de Jesus Cristo?

Para esses foram pronunciadas as santas palavras "Vinde a mim!", reservando-lhes o Evangelho poderosa luz para a renovação indispensável.[10] ■

Referências:

[1]O NOVO TESTAMENTO. Trad. Haroldo Dutra Dias. 2. imp. Brasília: FEB, 2013. João, 1:1 a 4, 9 a 12, 15 e 16, p. 391.

[2]_____. _____. Nota de rodapé 1, p. 391.

[3]_____. _____. p. 391 e 392.

[4]KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013. q. 625.

[5]XAVIER, Francisco C. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013. q. 283.

[6]O NOVO TESTAMENTO. Trad. Haroldo Dutra Dias. Brasília: FEB, 2013. Mateus, 13:13, p. 86.

[7]_____. _____. Mateus, 11:28 a 30, p. 77 e 78.

[8]KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013. cap. 6, it. 2.

[9]BÍBLIA DE JERUSALÉM. Gilberto da Silva Gorgulho, Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson (Coordenadores). Diversos tradutores. Nova edição, revista e ampliada. 3. imp. São Paulo: Paulus, 2004. p. 2.118.

[10]XAVIER, Francisco C. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 5. imp. Brasília: FEB, 2013. cap. 130.

Palavras de Coélet[1]

O fio de prata

Samuel Nunes Magalhães

Errôneo pensar que os conceitos espíritas encerram verdades nunca antes referidas nos códices terrenos. Homens de todas as épocas – cientistas, filósofos, religiosos, livres pensadores – têm se debruçado sobre temas como imortalidade da alma, vida no mundo espiritual, pluralidade das existências, tecendo valiosas considerações acerca desses assuntos e ainda de outros magnos pontos de interesse do Espiritismo.

O laço que prende o Espírito ao corpo – *fio de prata* – igualmente não constitui inovação. *Eclesiastes*, por exemplo, nos dá conta de sua existência.

Advertindo sobre a pouca duração das horas de juventude e a importância de se reverenciar desde essas horas o Criador, fala sobre o declínio das forças orgânicas, prenunciando a desencarnação, caracterizada pelo rompimento desse laço.

Em 12:1 a 7, diz:

> Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os dias da desgraça e cheguem os anos dos quais dirás: "**Não tenho mais prazer**".
> Antes que se escureçam o sol e a luz, a lua e as estrelas, e que voltem as nuvens depois da chuva; no dia em que os guardas da casa tremem e os homens fortes se curvam, em que as que moem, pouco numerosas, param, em que as que olham pela janela perdem seu brilho.
> Quando se fecha a porta da rua e o barulho do moinho diminui, quando se acorda com o canto do pássaro e todas as canções emudecem; quando se teme a altura e se levam sustos pelo caminho, quando a amendoeira está em flor e o gafanhoto torna-se pesado e a alcaparra desabrocha, é porque o homem já está a caminho de sua morada eterna, e os que choram sua morte começam a rondar pela rua.
> Antes que o **fio de prata** se afrouxe, e a taça de ouro se parta, antes que o jarro se quebre na fonte e a roldana rebente no poço, antes que o pó volte à terra de onde veio e o sopro volte a Deus que o concedeu. (Destaques nossos.)

As *Palavras de Coélet* são profundamente reveladoras àqueles que têm olhos de ver e ouvidos de ouvir. De outra parte, intencionalmente obscurecidos, seus meandros ocultam a verdade àqueles que cultivam a letra que mata e desprezam o espírito que vivifica. Nelas o vulgo não enxerga mais que um punhado de frases desconexas, estranhas, incompreensíveis. Nós outros, agraciados pelo saber espírita, necessariamente somos daqueles que podem ver e ouvir, não nos sendo lícito pretextar ignorância, senão imperfeições.

Durante milênios, permanecendo na clausura das linguagens metafísicas, essas mensagens confabularam apenas com alguns iniciados, capazes de lhes desnudar os segredos. Chegados os tempos, todavia, seriam trazidas à luz clara dos raciocínios lógicos. O Espiritismo, inaugurando nova era para a humanidade, viria descerrar-lhes os véus, pô-las ao alcance de todos que buscam a verdade, dispostos a confrontar preconceitos e dogmas.

Quando estudava a evocação de pessoas vivas, Allan Kardec teve ocasião de indagar aos Maiores da Espiritualidade:

> *Como, estando ausente do corpo, o Espírito é avisado da necessidade da sua presença?*

[1] *Livro de Eclesiastes* – Antigo Testamento. Atribuído a Salomão.

> "O Espírito jamais está completamente separado do corpo vivo em que habita; qualquer que seja a distância a que se transporte, a ele se conserva ligado por um laço fluídico que serve para chamá-lo, quando se torne preciso. Esse laço só a morte o rompe.[2]

Complementando o que disseram os Espíritos, Kardec acrescenta que esse laço fluídico, inúmeras vezes "percebido por médiuns videntes",[2] assemelha-se a uma "cauda fosforescente que se perde no Espaço e na direção do corpo".[2] Alguns Espíritos, segundo informa, ainda, dizem que é por meio desse laço "que reconhecem os que ainda se acham presos ao mundo corporal".[2]

Notemos que esses não foram seus únicos registros.

Ao pesquisar os fenômenos do sonambulismo, recebeu dos Espíritos a informação de que a alma, quando em tal estado, não abandona inteiramente o corpo, conservando-se a ele presa por um laço fluídico.[3]

Ainda em outros trechos da Codificação ele trata o assunto, esclarecendo que esse laço é um prolongamento do perispírito, funcionando como condutor das sensações entre o Espírito e o seu corpo somático, quando este se ache em desdobramento.

A partir desses primeiros estudos, muito a literatura espírita se há enriquecido a respeito, tanto pela valiosa contribuição de autores encarnados quanto pela revelação daqueles que já se domiciliam no mais além.

Nosso lar, obra de referência nas letras espíritas, oferece-nos interessante apontamento sobre a questão.[4]

No capítulo intitulado *Curiosas observações*, André Luiz, surpreso ao divisar dois vultos que pareciam "homens de substância indefinível, semiluminosa",[4] relata-nos que "dos pés e braços pendiam filamentos estranhos, e da cabeça como que se escapava um longo fio de singulares proporções",[4] recebendo o seguinte esclarecimento, após expor o fato a Narcisa:

> – Também eu, por minha vez, experimentei a mesma surpresa em outros tempos. Aqueles são os nossos próprios irmãos da Terra. Trata-se de poderosos Espíritos que vivem na carne em missão redentora e podem, como nobres iniciados da Eterna Sabedoria, abandonar o veículo corpóreo, transitando livremente em nossos planos. Os filamentos e fios que observou são singularidades que os diferenciam de nós outros. [...]

Eclesiastes, como vimos, claramente comenta a existência do laço que mantém cativo o Espírito, quando encarnado, mostrando perfeita consonância com os ensinamentos espíritas. Esse conhecimento, ressaltamos, nunca fora exclusivo dos hebreus, permeando a história humana desde a mais remota antiguidade.

Sua proclamação e vulgarização, nada obstante, estavam reservadas ao Espiritismo. ■

---

[2]KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 81. ed. 1. imp. (Edição Histórica.) Brasília: FEB, 2013. cap. 25, it. 284, q. 40 e comentários, respectivamente.

[3]Idem. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 1. imp. (Edição Histórica.) Brasília: FEB, 2013. q. 437.

[4]XAVIER, Francisco C. *Nosso lar*. Pelo Espírito André Luiz. 4. ed. esp. 2. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

A mensagem da manjedoura

"E ela deu à luz seu filho primogênito, enfaixou-o, deitou-o na manjedoura, porque não havia lugar para eles na sala de hóspedes." (*Lucas*, 2:7.)

Departamento de Infância e Juventude/FEB

A expressão simbólica da manjedoura enaltece a humildade, principal virtude a ser conquistada, e lembra-nos os momentos de glória do nascimento de Jesus, clarificando e engrandecendo o caminho dos homens.

A chegada do Mestre nazareno prenunciava a era da maioridade espiritual e fortalecia a fé e a esperança no coração das criaturas, ao exprimir, de forma indelével, o seu divino e infinito amor, como código de fraternidade plena e duradoura a ser seguido por todos os cristãos.

Ao exaltarmos esses sublimes acontecimentos, não poderíamos deixar de destacar a personalidade elevada de Maria, sua mãe. Certamente, foi ela a principal portadora de contribuições efetivas para que seu filho disseminasse no mundo os fundamentos da verdadeira caridade.

O Espírito Humberto de Campos, na belíssima obra *Boa nova*, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier, soube captar a beleza daqueles instantes supremos, dando-nos preciosas notícias sobre Maria e de sua emoção, por ocasião da chegada de seu amado filho, ao sentir as vibrações do excelso cântico das hostes celestes que homenageavam o Cristo na sua vinda ao solo terreno. Doce sensação invadiu a alma materna, "reconhecendo que a assistência de Deus se tornara incontestável, nos menores detalhes de sua vida".[1]

No entanto, aos pés da cruz, sua ternura angustiava-se ao observar o triste quadro da crucificação. Para apaziguar as suas aflitivas interrogações acerca das razões que o teriam levado a viver tão amargas penas, Maria sentiu vontade de repassar na memória algumas cenas da infância de Jesus, deixando-se envolver pelas mais agradáveis recordações. As preciosas lembranças, em relação às experiências vividas por Ele, quando *menino*, conforme depoimento de sua mãe, são narradas em pormenores pelo autor espiritual:

> [...] Desde os mais tenros anos, quando o conduzia à fonte tradicional de Nazaré, observava o carinho fraterno que dispensava a todas as criaturas. Frequentemente, ia buscá-lo nas ruas empedradas, em que a sua palavra carinhosa consolava os transeuntes desamparados e tristes. Viandantes misérrimos vinham [...] louvar o filhinho idolatrado, que sabia distribuir as bênçãos do Céu. Com que enlevo recebia os hóspedes inesperados que suas mãos minúsculas conduziam à carpintaria de José!... [Maria] Lembrava-se bem de que, um dia, a divina criança guiara à casa dois malfeitores publicamente reconhecidos como ladrões do vale de Mizhep. E era de ver-se a amorosa solicitude com que seu vulto pequenino cuidava dos desconhecidos, como se fossem seus irmãos. Muitas vezes, comentara a excelência daquela virtude santificada, receando pelo futuro de seu adorável filhinho. [...]
>
> Relembrava o seu Jesus pequenino, como naquela noite de beleza prodigiosa, em que o recebera nos braços maternais, iluminado pelo mais doce mistério. Figurava-se-lhe escutar ainda o balido das ovelhas que vinham, apressadas, acercar-se do berço que se formara de im-

> proviso. [...] As reminiscências envolviam a realidade longínqua de singulares belezas ao seu coração sensível e generoso. [...] Nazaré lhe voltava à imaginação, com as suas paisagens de felicidade e de luz. A casa singela, a fonte amiga, a sinceridade das afeições, o lago majestoso e, no meio de todos os detalhes, o filho adorado, trabalhando e amando, no erguimento da mais elevada concepção de Deus, entre os homens [...].[2]

O Missionário da Galileia continua em ação, amparando-nos infinitamente, bem como Maria ao legar-nos o exemplo de amor materno, virtude que se expressa pela vida inteira e se transforma em devotamento e abnegação. É essencial que tenhamos consciência da magnitude desse sentimento e de sua vivência e constância para o progresso da humanidade. A criança necessita de cuidados especiais e envolvimento familiar que lhe favoreça o aprimoramento íntimo, visto que traz "para a vida corporal, as imperfeições de que se não tenha despojado em suas precedentes existências"[3] e que reencarna confiante no auxílio que receberá dos incumbidos de educá-la e de conduzi-la "pela senda do bem".[4]

Ao considerar a significativa e valiosa fase da *meninice* de Jesus, pensamos em todas as crianças que existem no globo, necessitadas do amor incondicional por parte daqueles que se comprometeram em ampará-las e educá-las, à luz do Evangelho e dos princípios espíritas, para conquista futura da iluminação de suas consciências, na busca permanente de sua evolução espiritual, ao longo das reencarnações.

Jesus louvou a infância ao julgá-la como símbolo da *pureza do coração*, do mesmo modo que a tomou como modelo de *humildade*:

> Digo-vos, em verdade, que aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, nele não entrará. E, depois de as abraçar, abençoou-as, impondo-lhes as mãos. (*Marcos*, 10:15 e 16.)

Agasalhar em nossos corações os ensinamentos do Mestre, sobretudo os que nos alertam para que não sejamos indiferentes e desatentos em relação à educação moral-cristã dos filhos, significa aproximá-los de Jesus, orientá-los e fortalecê-los moralmente para os desafios da encarnação, fornecer-lhes a segurança afetiva do lar, encaminhá-los às atividades de Evangelização Espírita, nos centros espíritas, num intercâmbio frequente entre os pais e os evangelizadores, promovendo a formação moral e espiritual da criança e do jovem.

A mensagem da manjedoura engrandece a nossa disposição de cumprirmos com as responsabilidades de amor, que nos foram conferidas por Jesus que, ao nascer,

> [...] era uma criança indefesa a sorrir. Todavia, ali estava na furna humílima o futuro herói da Cruz e Sublime Embaixador do Céu, convertido momentaneamente em um *pedacinho de gente* guardando a estrela fulgurante do Reino Celestial.[5] ■

Referências:

[1]XAVIER, Francisco C. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 36. ed. 7. imp. Brasília: FEB, 2013. cap. 30, p. 191.

[2]_____. _____. p. 192, 194 e 195.

[3]KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 3. imp. (Edição Histórica.) Brasília: FEB, 2013. cap. 8, it. 3.

[4]_____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 1. imp. (Edição Histórica.) Brasília: FEB, 2013. q. 582.

[5]DUSI, Miriam M. (Coordenação.) *Sublime sementeira*: evangelização espírita infantojuvenil. 2. imp. Brasília: FEB, 2012. pt. 2, Mensagens. *Pedacinho de gente*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues e psicografia de Divaldo P. Franco. *In*: *Crestomatia da imortalidade*. p. 90.

Quem é minha **mãe**? E quem são meus **irmãos**?

"Enquanto Jesus ainda falava ao povo, sua mãe e seus irmãos, do lado de fora, tentavam falar com Ele. Então, alguém lhe disse: 'Tua mãe e teus irmãos estão lá fora, querendo falar contigo'. Jesus, porém, perguntou a quem lhe deu o recado: 'Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?'" (*Mateus*, 12:46 a 48.)

Ivone Molinaro Ghiggino

Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?[1]

Essas foram as palavras do meigo Nazareno, assombrando os que o ouviam sem nem de longe penetrar-lhes o real sentido.

Como soavam estranhas àqueles homens que, por estarem ligados apenas à forma, não percebiam a suavidade modulada de sua voz, nem a doçura de seus olhos iluminados...

Quem é minha mãe?

Sua mãe, que ternamente era amada por Ele, estava ali presente; chamava-se, naquela encarnação, Maria, e fora eleita, entre tantas outras mulheres, para desempenhar a difícil missão de recebê-lo em seu ventre dadivoso, de acompanhá-lo na vida física, desde pequenino, exemplificando o acervo de virtudes que possuía.

Seu amor materno atapetou-lhe os passos com sua meiguice e sua essência, embora ela, no início, não assimilasse o alcance da missão que Jesus levaria até o fim em sua passagem pela Terra...

E Ele a amava tanto!

Contudo, eram suas mães também todas as outras mulheres, velhas e moças, beatas ou pecadoras, afetuosas ou secas, mães de outros filhos...

Mães que perderam seus filhos... E mães que os aconchegavam ao regaço...

Mães ricas e mães misérrimas...

Mães alegres e mães desesperadas, mães queridas e mães desprezadas...

Todas elas eram um pouco suas mães!

Ele também as amava!

E quem são meus irmãos?

Não eram apenas os que haviam nascido do ventre generoso de Maria de Nazaré.*

Seus irmãos eram todos os Espíritos criados pelo Pai misericordioso...

Eram, entre tantos, os que jornadeavam na carne como Ele...

Eram os *doentes*, para os quais especificamente Ele viera... *Doentes* do corpo e da alma...

Eram os orgulhosos, aos quais Ele devia mansamente ensinar a humildade...

Eram os avarentos, que iriam aprender quais os verdadeiros *tesouros do céu*...

Eram os idiotas, que ora atravessavam o resgate do mau uso de sua inteligência em outra vida!...

Eram os enfermos do corpo, que deviam assimilar a resignação...

Eram os degredados da sorte, de toda espécie, que mais e mais necessitavam dele...

Eram também, é claro, os homens equilibrados e bons, que já praticavam a Doutrina do Pai e que iriam servir de sustentáculo para a sublime edificação do Bem!

"Pois quem fizer a vontade do meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe."[1] (*Mateus*, 12:46 a 50.)

Todos eram seus irmãos.

A todos Ele enxugaria as lágrimas com seu carinho, pensaria as feridas com o bálsamo do esclarecimento e em todos semearia, nos seus corações, os luminosos grãos da esperança!...

Sobre todos estenderia o manto da misericórdia do amoroso Pai, formando assim essa belíssima e abençoada família de filhos de Deus!

Obrigado, Jesus, nosso guia e modelo![2]

Obrigado, Jesus, irmão nosso, sempre presente ao nosso lado! ■

*N. R.: Ver a obra *Irmãos de Jesus*, de Kruger Mattos, editada pela FEB.

Referências:

[1]BÍBLIA SAGRADA (CD-ROM). Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996.

[2]KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 1. imp. (Edição Histórica.) Rio de Janeiro: FEB, 2012. q. 625.

À Virgem

Do teu trono de róseas alvoradas,
Estende, mãe bendita, as mãos radiosas
Sobre a angústia das sendas escabrosas
Onde choram as mães atormentadas.

Mãe de todas as mães infortunadas,
Com tua alma de lírios e de rosas,
Mitiga a dor das almas desditosas
Entre as sombras de míseras estradas.

Anjo consolador dos desterrados,
Conforta os corações encarcerados
Nas algemas do mundo amargo e aflito.

Ao teu olhar, as lágrimas da guerra
E os quadros de amargor, que andam na Terra,
São caminhos de luz para o Infinito.

Bittencourt Sampaio

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Parnaso de além-túmulo*. (Poesias mediúnicas.) 19. ed. 2. reimp. FEB: Rio de Janeiro, 2010. p. 268.

Nossas duas fatalidades

FERNANDO A. MOREIRA

O homem, Espírito encarnado, possui duas fatalidades: a primeira é inerente ao próprio corpo e diz respeito ao fato de que somos seres finitos e a morte, invariavelmente, ocorrerá mais dia, menos dia, pois é inevitável e a única certeza da vida. Todos nós desencarnaremos. É a nossa fatalidade biológica.

> [...] a morte, consequentemente, não pode ser o término, porém simplesmente a junção, isto é, o umbral pelo qual passamos da vida corpórea para a vida espiritual, donde volveremos ao proscênio [palco] da Terra, a fim de representarmos os inúmeros atos do drama grandioso e sublime que se chama Evolução.[1]

Embora sabedores disso, estamos sempre procurando fugir, driblar, afastar ou esquecer esta realidade, esta finitude que nos incomoda.

O Espírito, uma vez desligado do corpo físico, retorna ao mundo espiritual, sua verdadeira pátria. Continuará no moto contínuo: encarnação, intermissão, reencarnação, no seu caminho evolutivo. Os Espíritos podem estacionar ou evoluir, mas a estagnação muito prolongada, em face da lei de evolução, sujeita-o a reencarnações compulsórias.

Assim, afirma Ernesto Bozzano:

> Nem livre-arbítrio, nem determinismo absolutos durante a encarnação do espírito, mas liberdade condicionada.[2]

O Espiritismo veio "matar a morte" e mostrar que o Espírito é imortal, mas eternamente submisso às leis divinas e, entre elas, à lei do progresso.

> Sendo o progresso uma condição da natureza humana, não está no poder do homem opor-se-lhe. É uma *força viva*, cuja ação pode ser retardada, porém não anulada [...].[3]

A lei do progresso é, pois, fatal para o Espírito que, inexoravelmente, seguirá o caminho da evolução e da felicidade. É a nossa fatalidade espiritual.

Quando Jesus nos convocou usando as palavras "sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai Celestial, que está nos céus",[4]

colocou o verbo no imperativo, que determina assim que a perfeição, embora relativa, tem que ser atingida, evidenciando o caminho de sua busca, pois ela é o destino de todos nós, o único compatível com a bondade, a misericórdia e a justiça infinitas de Deus. "Fomos criados para a felicidade, a glória e a luz; esse é o determinismo divino!"[5]

As leis divinas, imutáveis, são misericordiosas, porque Deus nos dotou do livre-arbítrio para nossa glória; só há glória quando há mérito. Deus quer que alcancemos a felicidade por nossos méritos.

A Doutrina Espírita mostra-nos que, devido à essência do Criador, nunca seremos deserdados, pois a condenação eterna da alma é inconciliável com a perfeição absoluta de Deus. Alcançaremos, através de reencarnações sucessivas, o que nos foi determinado, pois todos seremos o que devemos ser. A lei do progresso, da reencarnação e de causa e efeito estão também associadas ao amor, à misericórdia e à justiça, no rosário iluminado da infinita grandeza divina.

Na Boa Nova, confere Jesus novos prismas à divindade:

> Esta já não é o Deus terrível, ciumento, vingativo, de Moisés; o Deus cruel e implacável, que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, e que castiga aqueles que poupam as vítimas; já não é o Deus injusto, que pune um povo inteiro pela falta do seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere os filhos pelas faltas dos pais; mas, um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido [...] já não é o Deus que quer ser temido, mas que quer ser amado.[6]

Tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre uma multidão de pecados

Mahatma Gandhi, ao ser perguntado por um repórter sobre o que achava do perdão, declarou: "Eu nunca perdoei ninguém!". O entrevistador estranhou tal resposta e retrucou: "Mas o senhor prega o perdão, a não violência, como inúmeras vezes o ouvi declarar, como pode nunca ter perdoado?". E ele, impassível, concluiu: "Eu nunca perdoei, porque nunca me ofendi".

Assim age o Criador, que não se ofende com as nossas faltas, mas, como Pai amoroso, nos concede infinitas oportunidades, aponta-nos o caminho, convidando-nos à reforma íntima, para nossa reabilitação, por meio das reencarnações, num processo educativo e não punitivo.

Este caminho é a rota da Lei que nos remete a provas ou expiações, a aflições, às vezes incômodas, é verdade, mas necessárias e indispensáveis ao nosso burilamento espiritual.

Poderemos, no entanto, minimizar o mal que fizemos, com a prática do bem que devemos e podemos fazer, e isso depende apenas de nós. "[...] tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre uma Bíblia de Jerusalém multidão de pecados."[7]

Jesus, nosso Mestre e modelo, legou o cintilo de suas parábolas, a iluminar nossa trajetória; cabe a nós orientar-nos na sua direção,

apoiando-nos no Evangelho, porque "a cada um será dado segundo as suas obras".[8]

A Doutrina Espírita "é a chave; a porta é Jesus". Ela nos orienta para realizarmos a reforma íntima, veículo para nossa evolução espiritual e o nosso consequente merecimento. Oportuno lembrar a afirmação de Kardec:

> Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas más inclinações.[9]

Façamos do nosso corpo o veículo de nossa regeneração; esta estrada estelar é longa, não tardemos no caminho, na busca incessante e transcendental do plano sidéreo da nossa felicidade.

Vale lembrar o trecho do poema *Espiritismo*, autoria do Espírito Casimiro Cunha:[10]

[...]

É a claridade bendita
Do bem que aniquila o mal,
O chamamento sublime
Da Vida Espiritual.

Se buscas o Espiritismo,
Norteia-te em sua luz:
Espiritismo é uma escola,
E o Mestre Amado é Jesus. ■

Referências:

[1]CALLIGARIS, Rodolfo. *As leis morais*. 15. ed. 3. reimp. Brasília: FEB, 2013. cap. 23.

[2]BOZZANO, Ernesto. *Os fenômenos psíquicos*, 1930. *In*: MIRANDA, Hermínio C. *Diversidade dos carismas*: teoria e prática da mediunidade. Niterói (RJ): Arte & Cultura, 1991. v. 1, cap. 10, it. 1, p. 299.

[3]KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 1. imp. (Edição Histórica.) Brasília: FEB, 2013. Comentário de Allan Kardec à q. 781.

[4]MATEUS, 5:48.

[5]HOFFMANN, Ricardo Ronzani. *Mundo Espírita*. p. 2, mai. 2003, *Os Três Montes*, Curitiba, Paraná.

[6]KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 1. imp. (Edição Histórica.) Brasília: FEB, 2013. cap. 1, it. 23.

[7]I PEDRO, 4:8.

[8]MATEUS, 16:27.

[9]KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 3. imp. (Edição Histórica.) Brasília: FEB, 2013. cap. 17, it. 4.

[10]SIMONETTI, Richard. *A curva da estrada*. *Reformador*. ano 119, n. 2.069, p. 8(230), ago. 2001. *In*: XAVIER, Francisco C. *Parnaso de além-túmulo*. (Poesias mediúnicas.) Por diversos Espíritos. 19. ed. 2. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2010. p. 308.

Imagem retirada do *site*: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Creation_of_Light.png>

No princípio era o verbo...

EMÍDIO BRASILEIRO

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; e sem Ele nada do que foi feito se fez.

O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.

Houve um homem enviado por Deus, chamado João.

Ele veio para testemunho, para que testificasse da luz, a fim de que todos cressem por intermédio dele.

Ele não era a luz, mas veio para que testificasse da luz.

O Verbo era a luz verdadeira que vem ao mundo para iluminar o Homem. Ele estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o reconheceu.

Veio para o que era seu e os seus não o receberam.

Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de se tornar filhos de Deus; a saber: aos que creem em seu nome, que não nasceram nem do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do Homem, mas de Deus.

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós e contemplamos sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho Unigênito, cheio de graça e de verdade. (*João*, 1:1 a 14.)

Os Espíritos superiores, em *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec, afirmam que "Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas".[1] Prosseguindo, eles asseveram que "Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom".[2] Ainda assim, tais características não representam a ideia completa dos atributos de Deus, mas são indispensáveis a fim de que se perceba o que Ele não pode deixar de ser para que seja, de fato, Deus.

Os Espíritos ainda ensinam em *O livro dos espíritos*:

> [Deus] criou o universo, que abrange todos os seres anima-

[1] KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 1. imp. (Edição Histórica.) Brasília: FEB, 2013. q. 1.

[2] Idem, ibidem. q. 13.

> dos e inanimados, materiais e imateriais.
>
> Os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos.[3]

Deus paira sobre toda a sua Criação, a qual representa a sua imanência. Em sua transcendência, é infinitamente maior do que todas as manifestações de sua Criação. Ele é além dos espaços e da eternidade imanente, além dos incontáveis mundos do universo ou dos universos. A Criação de Deus, destinada à evolução da individualidade espiritual, é apenas uma das infinitas manifestações de sua Vontade soberana. A imanência de Deus também se manifesta em nível de transcendência. Tal concepção da Criação é ainda inapreensível ao entendimento da razão humana.

O Verbo de Deus é a sua palavra ou vontade criadora, a manifestar-se por meio da Lei Natural composta por leis morais, as quais constituem roteiro divino para a evolução e aperfeiçoamento do Espírito, conforme Allan Kardec explicita em *O livro dos espíritos*.

Jesus, Espírito puro, é o modelo de perfeição intelecto-moral oferecido por Deus, no orbe terrestre, à espécie humana. O divino Mestre assimilou as virtudes evolutivas determinadas pelas leis morais e as personificou integralmente, vivenciando-as em todas as suas palavras e ações.

A vontade ou Palavra divina, o Verbo supremo de Deus ou a Lei Natural "encarnou" em Jesus. Isto devido às suas conquistas espirituais ao longo de uma trajetória evolutiva em que, desde sua origem, sempre trilhou o caminho do bem absoluto.

João Batista e os profetas que o antecederam foram os Espíritos superiores que desempenharam a missão de elevar o nível consciencial de todos que aguardavam a vinda do divino Messias, por meio das verdades e dos exemplos libertadores.

Os profetas anunciaram o Messias. João Batista preparou fielmente o seu caminho. João, o evangelista, o discípulo superior bem-amado por Ele, iniciou o seu Evangelho mediúnico e revelador. Concitou-nos a refletir sobre o amor e a misericórdia do Pai Celeste, que nos envia o seu filho Jesus, o nosso Mestre, o Messias libertador, o arquiteto do planeta Terra, a luz incessantemente perseguida pelas trevas da ignorância porque foi a mais perfeita manifestação do verbo de Deus. ■

Retificando...

No artigo *Dos liceus espíritas às escolas de evangelização espírita*, de Marcelo Mota (*Reformador* de novembro de 2013, p. 17, 1ª coluna, 26ª linha) onde se lê "Santana", leia-se "São Paulo". Trata-se do bairro Santana, na cidade de São Paulo.

[3] KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. 93. ed. 1. imp. (Edição Histórica.) Brasília: FEB, 2013. *Introdução*, it. 6.

O automatismo

Mauro de Paiva Fonseca

A razão humana, em sua limitada capacidade perceptiva, não consegue assimilar na integralidade absoluta os atributos característicos das leis divinas que governam a vida.

Em razão da notória incapacidade das criaturas, pouco afeitas ao estudo e à meditação sobre os magnos problemas que orientam a existência, é comum encontrarmos Espíritos encarnados e desencarnados, culpando o Soberano do universo, pelos acontecimentos funestos que lhes visitam os destinos.

Deus não pune, não castiga, tampouco se vinga de suas criaturas, apenas criou o conjunto de leis que regem a existência, a se exercerem em regime de causa e efeito.

O determinismo divino da vida e o bem absoluto em todos os seus infinitos aspectos, uma vez desobedecidos criam o que se poderia chamar "determinismo humano", o que nada mais seria senão a necessidade de reparação, resgate ou aprendizagem através do esforço próprio daquele que o criou.

Para consecução desse objetivo existe, no conjunto das leis supracitadas, o aspecto pouco percebido pela maioria dos homens: o automatismo que preside a lei causal!

A natureza intrínseca do Espírito tem a propriedade de gravar indelevelmente, por toda a eternidade, todos os pensamentos, palavras, atos e acontecimentos em geral nos quais nos envolvemos. Eles expressam as necessidades básicas a que somos compelidos para atendimento aos impositivos da lei de evolução. É com base nesses dados que são programados os estágios reencarnatórios. Os Espíritos superiores, a quem incumbe o planejamento das encarnações, se socorrem através do fenômeno da psicometria, dos registros etéricos individuais de cada candidato à reencarnação.

Assim como no corpo físico, portador de todo tipo de bactérias que somente agem quando encontram ambiente eletivo adequado ao seu desenvolvimento, também na natureza espiritual as necessidades latentes somente eclodem, quando encontrem ambiência favorável criada pela invigilância, rebeldia, negligência, maldade e outras mais de maior ou menor gravidade.

Consoante estes registros, quando estabelecemos sintonia com este ou aquele aspecto da existência, atraímos os efeitos, que eclodem automaticamente, objetivando restabelecer o equilíbrio interrompido ao violarmos o determinismo divino. ■

Reunião da Coordenadoria do CEI para a Europa

A cidade de Stuttgart, na Alemanha, sediou a 14ª Reunião da Coordenadoria do Conselho Espírita Internacional para a Europa, nas dependências da União Espírita Alemã, nos dias 25, 26 e 27 de outubro. Compareceram representantes de 14 países do continente: Alemanha, Áustria, Bélgica, Bielorrússia, Espanha, França, Holanda, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Noruega, Reino Unido, Suécia e Suíça. Também estiveram presentes a responsável pela Edicei Europe e visitantes do Brasil.

Participantes da Reunião do CEI

Durante o evento ocorreu uma reunião administrativa que tratou dos seguintes assuntos: informações sobre as atividades do CEI (período 2012-2013), desenvolvimento da Edicei Europe, *websites* e redes sociais, campanha "Amor à Vida"; Assembleia Geral do CEI, programada para Portugal (2014); informações sobre a preparação do 8º Congresso Espírita Mundial (Portugal, 2016); implementação do Plano de Dinamização das Atividades do CEI, proposta de encontro europeu, em língua inglesa, para 2014. Como atividades doutrinárias, ocorreram palestras realizadas por Charles Kempf, na abertura da Reunião, por Elsa Rossi, sobre o tema "Amor à Vida", e seminário sobre "Mediunidade", por Jorge Godinho e Rosenite Alves, atuantes, respectivamente, na Suíça e na França.

Todas as atividades foram realizadas na sede da União Espírita Alemã. A reunião foi dirigida pelo secretário-geral do CEI, Charles Kempf, contando com atuação de Antonio Cesar Perri de Carvalho e Elsa Rossi, respectivamente, 1º e 2º secretários do CEI.

A próxima reunião da Coordenadoria do CEI-Europa será na Irlanda. O presidente da FEB, Antonio Cesar Perri de Carvalho, no dia 24, véspera da referida reunião, proferiu palestras públicas no mesmo local, onde também funciona a Sociedade de Estudos Espíritas Allan Kardec, bem como o Grupo de Estudos Espíritas Allan Kardec, de Munique. Informações: <https://cei.spirite.org/>; <www.febnet.org.br>. ■

Mesa Diretora da Reunião do CEI

Reunião das Entidades Espíritas Especializadas

Na Sede da Federação Espírita Brasileira, em Brasília, ocorreu a reunião das Entidades Espíritas Especializadas de Âmbito Nacional, durante o dia 12 de outubro. Compareceram: Associação Brasileira de Artistas Espíritas (Abrarte) – Cláudio Marins e João Batista de Mendonça; Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo (Abrade) – Marcelo Henrique; Associação Brasileira de Esperantistas Espíritas (Abee) – Waldir Antonio Silvestre; Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas (Abrape) – Ercília Zilli e Gilda Barbosa de Andrade; Associação Brasileira de Magistrados Espíritas (Abrame) – Kéops Vasconcelos e Mário Motayama; Associação dos Juristas Espíritas (AJE) – Tiago Cintra Essado e Hélio Ribeiro Loureiro; Cruzada dos Militares Espíritas (CME) – Danilo Carvalho Villela e Eloy Carvalho Villela; Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil) – Gilson Luís Roberto; e, como convidada, a Organização Social Cristã André Luiz (Oscal) – Célio Allan Kardec de Oliveira.

Aspecto da Reunião

A FEB foi representada pelo seu presidente, Antonio Cesar Perri de Carvalho, que dirigiu a reunião, com atuação de Roberto Fuina Versiani, secretário-geral do CFN da FEB, da diretora Célia Maria Rey de Carvalho, que atua como secretária nas reuniões com as Entidades Especializadas, e apoio da Secretaria-Geral do CFN. Foram informadas as atividades destas Entidades e analisados os temas sobre o Movimento Espírita, enfatizando-se a definição da proposta do Regimento Interno e a formação do Conselho Nacional destas Entidades. Planeja-se, após alguns trâmites na FEB, a aprovação do Regimento Interno e a instalação do Conselho Nacional das Entidades Espíritas Especializadas da FEB, até o final de abril de 2014. Informações: <diretoria@febnet.org.br>; <www.febnet.org.br>. ■

FEB: Seminário "Estado e Sociedade"

O 2º Seminário "Relação Estado e Sociedade do Coletivo Inter-religioso" aconteceu nos dias 30 de setembro e 1º de outubro. A FEB foi representada pelo seu presidente, Antonio Cesar Perri de Carvalho, que atuou na mesa de abertura, e pela equipe de Assessoria Jurídica: Rubens Dusi, Flamarion Vidal e Carina Ribeiro. O Seminário teve como objetivo promover o diálogo permanente entre as organizações religiosas e o Governo e atuar na melhoria do ambiente regulatório por um Estado de Direitos. Ao final, quase 30 Entidades assinaram a "Declaração do 2º Seminário da Relação Estado e Sociedade – O Marco Regulatório e a atuação das organizações religiosas", a qual foi entregue ao Poder Executivo. Informações: <diretoria@febnet.org.br>.

Canadá: Palestra de dirigente da FEB

No dia 3 de outubro, a vice-presidente da FEB, Marta Antunes Moura, proferiu palestra no Toronto Spiritist Society, na cidade de Toronto. Informações: <diretoria@febnet.org.br>; <www.torontospiritistsociety.org>.

Mato Grosso: Congresso dos Magistrados

No período de 13 a 15 de setembro, o município de Poconé, no Pantanal Mato-Grossense, recebeu o 7º Congresso Nacional da Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas (Abrame). O evento abordou temas como "A justiça e a transição planetária", "Saúde, bioética e Espiritismo na construção de um novo mundo", entre outros. Estiveram presentes no evento a presidente da Associação Médico-Espírita Internacional e do Brasil, Marlene Nobre, Kéops de Vasconcelos, Luiz Antônio Sári, Haroldo Dutra Dias e Fátima Nancy. Informações: <www.abrame.org.br>.

Pará: Seminário e lançamento de livro

Nos dias 5 e 6 de outubro, com promoção da União Espírita Paraense (UEP), ocorreu o lançamento do livro *Conviver para amar e servir* (FEB Editora), seminário sobre o mesmo, e reunião com a diretoria da UEP. O presidente da FEB, Antonio Cesar Perri de Carvalho, e a diretora Célia Maria Rey de Carvalho atuaram nos eventos e visitaram o C. E. Vinha de Luz, no seu cinquentenário, e o Lar Fabiano de Cristo, que adotam a proposta de ação do fundador Mário da Costa Barbosa. Informações: <diretoria@febnet.org.br>.

Mato Grosso do Sul: Trabalhadores da Assistência e Comunicação Social

A Federação Espírita de Mato Grosso do Sul promoveu, nos dias 5 e 6 de outubro, o Encontro Estadual dos Trabalhadores da Assistência e Comunicação Social Espírita, na Comunhão Espírita Casa de Sheila, em Campo Grande, com o tema "Em busca de um sentido para a vida", com o vice-presidente da FEB, Geraldo Campetti, e José Carlos da Silva Silveira, coordenador da Área do Sapse. Informações: <diretoria@febnet.org.br>.

Santa Catarina: Confraternização dos trabalhadores

No dia 16 de novembro, foi realizada, com organização da Federação Espírita Catarinense, a Confraternização dos Trabalhadores Espíritas do Estado. O evento ocorreu no Centro de Eventos de Florianópolis, abordando o tema "Acolher, consolar, esclarecer e orientar". Informações: <www.fec.org.br>.

Bahia: Viver espírita na sociedade

O XV Congresso Espírita da Bahia, promovido pela Federação Espírita do Estado da Bahia, foi realizado no período de 31 de outubro a 3 de novembro, abordando o tema "O Viver Espírita na Sociedade", e contou com a abertura feita por Divaldo Pereira Franco. Antonio Cesar Perri de Carvalho e Maria de Lourdes Pereira Oliveira, respectivamente, presidente e vice-presidente da FEB, e Márcia Regina Pinni, assessora da Área do Sapse, foram os expositores convidados. Informações: <www.feeb.org.br>.

Conheça Clube e Clubinho do Livro

CLUBE DO LIVRO
FEB editora

Faça parte do **Clube do Livro** e receba mensalmente **clássicos e lançamentos da literatura espírita.**
www.febeditora.com.br/clubedolivro

UM NOVO LIVRO A CADA MÊS

Torne-se sócio e tenha muitas vantagens

FRETE GRÁTIS

GANHE BRINDES E DESCONTOS

clubinho do livro

Junte-se ao **Clubinho do Livro**
e desperte o prazer de ler nos pequeninos.
www.febeditora.com.br/clubinho

www.febeditora.com.br
(61)2101-6184 | (21)2187-8272

FEB editora
Livro espírita para um novo mundo

www.facebook.com/febeditora
www.twitter.com/febeditora
www.youtube.com/febeditora

Palavras de esclarecimento e auxílio para a elevação moral do Espírito

Esta coletânea de mensagens proporciona oportunidade de aprendizado e reflexão sobre as experiências, provações, erros e dores da vida terrena. Páginas de incentivo e esperança que atestam a imortalidade do Espírito, mostrando a Terra como escola e a morte como fator de renovação.

Já nas livrarias.
www.febeditora.com.br
(61)2101-6184 | (21)2187-8272

FEB editora
Livro espírita para um novo mundo

www.facebook.com/febeditora
www.twitter.com/febeditora
www.youtube.com/febeditora